

ILUSTRAÇÃO

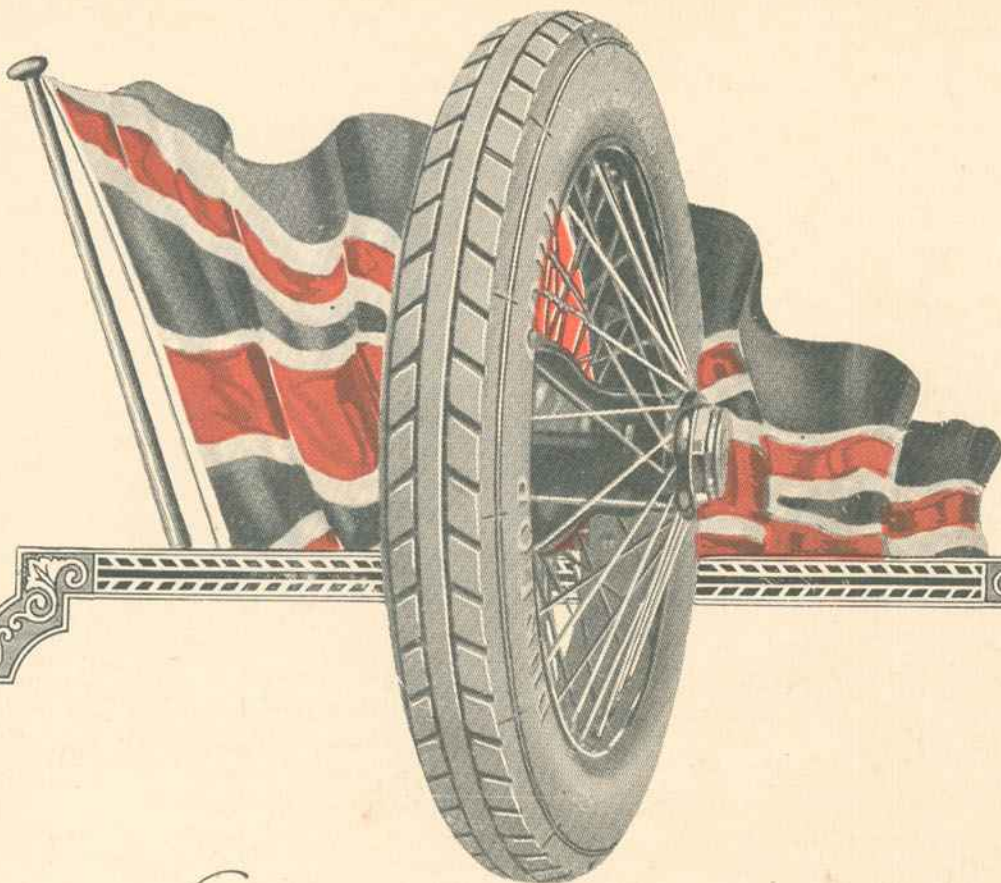


1.º ANO — Número 4

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1926

PREÇO 4500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



O famoso pneu Dunlop Cord montado na roda d'arame Dunlop

É com a kilometragem que se põe á prova um pneu, e é particularmente n'este ponto que o pneu DUNLOP mostra a sua supremacia sobre todos os outros pneus.

O DUNLOP CORD é um productó completo de manufactura ingleza, e actualmente obtem-se com este pneu o dobro da kilometragem que se conseguia antes da guerra.

calce Dunlop e ficará satisfeito

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES DO PAÍS

DEPOSITARIOS GERAES

GUILHERME GRAHAM JUNIOR & C.^A

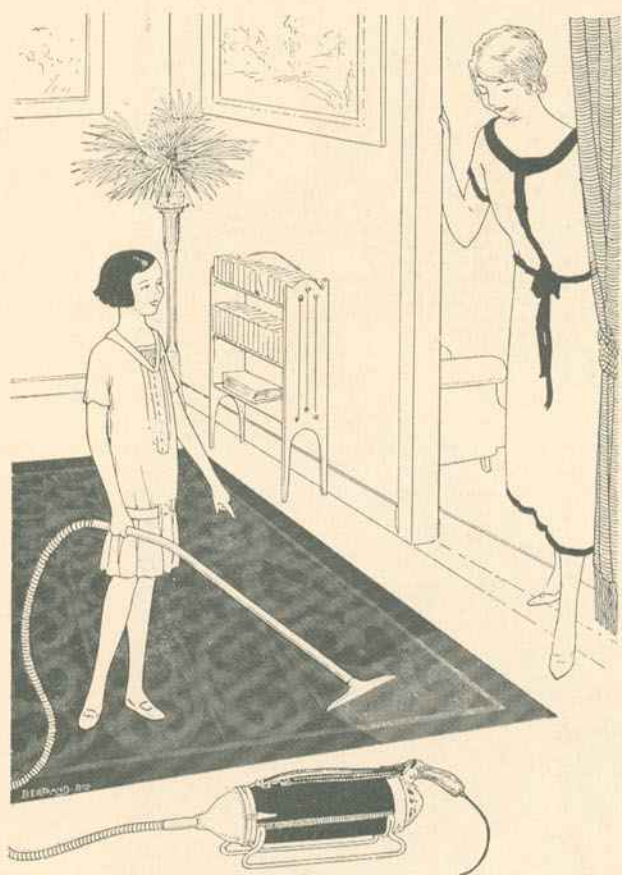
Rua dos Fanqueiros, 7, 1.^o

LISBOA

GUILHERME JOÃO GRAHAM & C.^A

Rua dos Clerigos, 6

PORTO



Lux

é o aparelho que limpa toda a casa num mínimo de tempo. Uma criança pode manejá-lo.

ELECTRO-LUX, LT.^{DA}

Praça dos Restauradores, 52
LISBOA

Avenida dos Aliados, 54
PORTO



ROBBIALAC

Vende-se em
preto branco
e cores

ESMALTE PERFEITO
para Pintura de Automoveis etc.

The illustration shows a smiling painter in a white uniform and cap, holding a brush and pointing towards the text. Below him is a vintage car with a can of ROBBIALAC paint and a bicycle. The background is dark with a diagonal line pattern.

PODE-SE LAVAR — PODE-SE ESFREGAR À VONTADE

que a brilhante e bela superfície alcançada pela aplicação do ROBBIALAC não fica estragada, pois é este o esmalte ideal para todos os trabalhos, tanto nos automóveis, como em decorações interiores e exteriores. O ROBBIALAC escorre tão suave e por igual que se espalha sem mostrar vestígio algum da brocha. Secando, torna-se semelhante à porcelana apresentando uma superfície sem póros que resiste inalterável à acção destruidora da poeira e da sujidade. O ROBBIALAC é fornecido em branco e em tôdas as cores usuais, seja com brilho ou fôscas.

PODE-SE OBTER NOS SEGUINTE DEPÓSITOS:

J. G. RUGERONI — 67, Rocio, LISBOA (Distrito)
CANTO, L.^{da} — Praça da Republica, 9, 11, COIM-
BRA (Distrito)
J. P. DE MATOS — LEIRIA (Distrito)
TULIO RITA FERRO — BEJA (Distrito)

AUTO-OMNIA, LIMITADA — Praça da Liber-
dade, 23, PORTO (Distrito)
Residentes em outros distritos devem dirigir-se a:
H. MITCHELL, L.^{da} — 26, Travessa da Ribeira
Nova, 1.^o, LISBOA

AUTOMOVEIS

CAMIONS



MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD

MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.

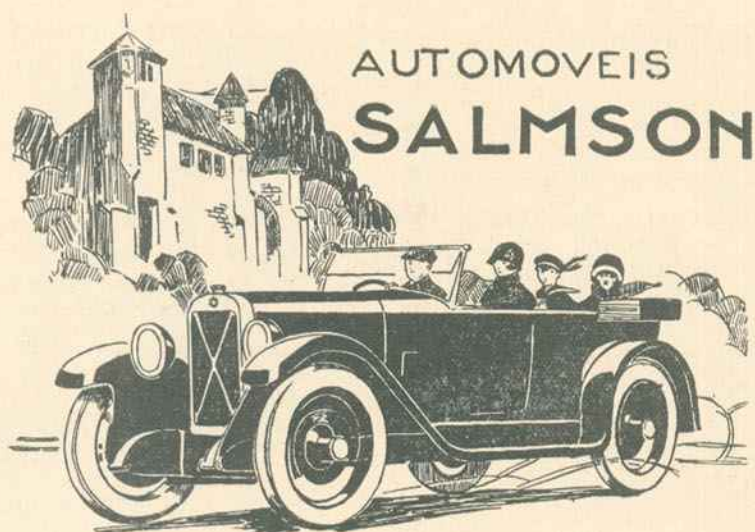
A CHEGAR MODELOS DE 1926

Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. — Todos os accessorios dos melhores fabricantes inglezes. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). — 4 tipos de chassis — 11 tipos de carroserie.

AGENTES EXCLUSIVOS
PARA
PORTUGAL E COLONIAS

A. M. ALMEIDA LIMITADA

Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA



AUTOMOVEIS SALMSON

Torpedo² SALMSON 7² H. P. de 4 logares, com travões ás 4 rodas, chassis de pontas reforçado de quadro fechado, com molas inteiras á frente e meia-cantélever atraz.

Motor monobloco de 4 cilindros, com 62 ^m/_m de alesage e 90 ^m/_m de course, cilindrada 1086^{cmc}, e valvulas colocadas na parte superior comandadas por colbuteurs.

5 RODAS, CALÇADAS COM PNEUS CONFORT 715×115
CONTA-QUILOMETROS, RELOGIO, AMORTISSEURS, MI-
SE-EN-MARCHE E ILUMINAÇÃO ELECTRICA.

SALMSON 7 H. P. O carro mais economico.

6 LITROS DE GAZOLINA E 100 GRAMAS D'OLEO AOS
100 QUILOMETROS.

SALMSON 7 H. P. o carro mais rapido do mundo na sua cate-
goria.

ARPAJON em 11 de Outubro de 1925, Record do mundo do
quilometro lançado, a 182 QUILOMETROS 232 METROS
À HORA.

S. SEBASTIAN em Setembro de 1925—Primeiro premio do
Circuto em estrada de 531 quilometros, com a media fantastica
de 100 quilometros á hora.

Unicos concessionários para Portugal e Colónias

ARMANDO CRESPO & C.^A

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA



BERNARDINI

JUBOL

laxante fisiológico
o unico que faz a reeducação do Intestino

Limpa o intestino,
Evita a apendicite, e a enterite,
Suprime as hemorroidas,
Impede a obesidade,
Regularisa e armonisa as formas.

Dyspepsia
Prisão de ventre
Enterite
Enxaquecas



Se os nossos antepassados tivessem podido, engulindo todas as noites alguns comprimidos de JUBOL restituir ao seu intestino paralisado pelo abuso de drogas e dos clisteres a sua elasticidade e a sua flexibilidade, se tivessem tido a sua disposição o recurso da reeducação intestinal tão admiravelmente realizada pelo JUBOL, talvez a historia do clister tivesse no seu ativo menos horas illustres. Em compensação a humanidade teria menos padecimentos dos quaes tanto medicos como doentes foram em todos os tempos inconscientes creadores.

D^r BRÉMOND
da Facul. de Medice de Montpellier, França

Communiçados
Acad. de Med. de Paris, 21 Dez. 1909.
Ac. Sciencias de Paris, 28 Junho 1909.

O mar fornece a agur-agur ao alga maritima que entra na composição do JUBOL.

Établissements Chate-lain
15^o Grandes Premios
2, rue de Valenciennes, Paris
À venda em todas as Farmacias

A. VINCENT, L^{da} - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.



«ALLO!...

As meias de linho serão da marca

«PRINTEMPS»

À VENDA NA AGENCIA

Rua Ivens, 56 — LISBOA

UN JOUR VIENDRA

Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS

ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adherente
Impalpavel
(todas as cores)

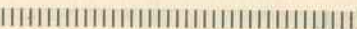
DENTIFRICOS
PASTA, PÓ, OU SABÃO

BENEDICTINS
DE SOULAC

O BENEDICTIN DE SOULAC é o unico DENTIFRICO cujas qualidades hygienicas são appropriadas aos cuidados da bocca. É absolutamente inofensivo.

O BENEDICTIN é um producto francez UNIVERSALMENTE ADOPTADO

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens, 56, LISBOA



ROYAL WINDSOR
O celebre
Regenerador
dos Cabellos

Restitue aos Cabellos grisathos a sua cor natural. Supprime a Caspa e suspende a queda dos Cabellos.

Enjam nos frascos as palavras ROYAL WINDSOR
Deposito : 28 Rue d'Enghien, PARIS
A VENDA EM TODA A PARTE
Deposito para PORTUGAL
A. VINCENT L^{da}, 56, Rue Ivens, LISBOA



COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 21—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

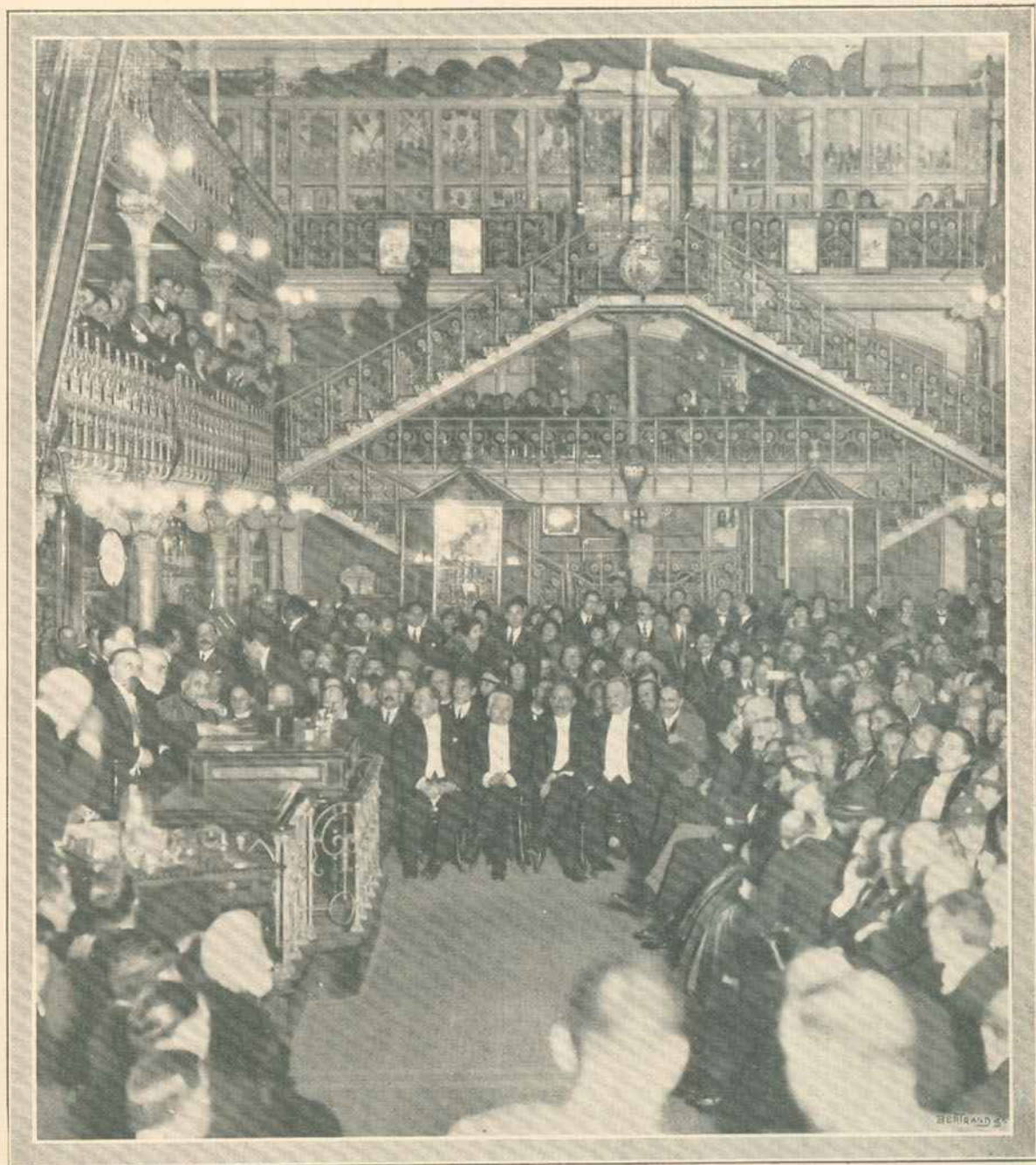
AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.^º — NÚMERO 4

16 DE FEVEREIRO DE 1926



Aspecto da sessão solene realizada na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, comemorando o quarto aniversário da eleição de S. Santidade Pio XI. Com assistência de numerosos membros do corpo diplomático, muitas senhoras e representantes do clero, das artes, das letras e da política, presidiu a ela o Chefe do Estado, que tinha à sua direita o sr. presidente do ministério e o sr. general Garcia Rosado e à esquerda o sr. ministro dos Estrangeiros e Mgr. Nicotra, Nuncio do Sumo Pontífice. Notabilizaram esta cerimónia as orações nela proferidas, todas marcando uma saudável atmosfera de tolerância e concórdia, pelos srs. dr. Gomes Teixeira, o sábio matemático, dr. Cardoso de Oliveira, embaixador do Brasil, Cunha Leal, o Nuncio Apostólico e dr. Bernardino Machado

CRÓNICA DA QUINZENA

PELA segunda vez asas ibéricas sulcaram o céu imenso do Atlântico Sul, oceano em que primeiro que nenhuma outra flâmula tremulou o pendão das quinas e o dos leões afrontados. Hoje, como então, a honra de pioneiros reverte à pequena casa lustada; e, caprichos da fortuna, hoje como então, é o cometimento espanhol que alcança um êco mais retumbante aos quatro pontos da Europa. Mas deixá-lo! Este vôo de tão excelso curso é para nós uma pequena lição e uma grande apoteose.

A Espanha inteira volve olhos para Ocidente, em cujos céus três homens da sua grei jogam a partida do orgulho e do brio nacional. E a exaltação que há dêrcia de três anos empolgou Portugal perante a aventura maravilhosa de Sacadura e Gago Coutinho lavra agora no país fronteiro, abafando querelas separatistas e ódios de facção. Ela basta para abonar a ansiedade e os entusiasmos que sentimos naquelas horas, e que pessoas graves, dadas ao respeito e temerosas do ridículo, aquilatavam de infantis e descomedidos. Envergonhem-se os scépticos e assemem o monóculo para além da raiz: Franco fez calar tudo o que a antiga musa canta, *Franco es el segundo Colombo!*

Este estado de ânimo quem ousaria censurá-lo, ou metê-lo a ridículo? Todos os povos são o mesmo desde que vivam por virtude própria, que não se tenha quebrado o ritmo secreto que faz pulsar nos indivíduos coração contra coração, mal esteja em causa o interesse, brio, ou até a vaidade da colectividade. Por isso louvada seja a corda sentimental do portuguezinho valente, que vibrar mais não pôde quando Sacadura e Coutinho levantaram vôo para terras de Santa Cruz!

Nesta nova travessia do Atlântico teem, pode dizer-se, os nossos dois aviadores a sua consagração máxima. Legítimo é supor que todos os votos, tôdas as palpações, tôda a febril e profusa publicidade, que agora se movem em volta dos nomes de Franco e Ruiz de Alda, a eles cabiam e cabem de direito; e não é menos legítimo crer que a benção, que Sua Santidade Pio XI agora lhes enviou por radiograma, aos nossos cubra também, a um na sua memória e paz eterna, a outro naquela tão simpática lhanza da sua cabeça branca. Que importa que as gazetas estrangeiras, a rede inextricável do telégrafo, a Nauen, a Torre Eiffel, à gentiuga das capitais européas, passasse quasi estranha a façanha dos nossos aviadores? Que monta que o Papa se esquecesse de os abençoar do cómodo e venerável Vaticano por cima das ondas revôltas do Atlântico? Fizeram-no agora para com os heróicos espanhóis e isso nos conforta. A glorificação destes glorifica aqueles. A santificação duns santifica os outros. Como his-

panos devemos regosijar-nos com o triunfo espanhol. Como portuguezes, quando atrás de nós estão Sacadura e Gago Coutinho, que se abalançaram aos céus nunca dantes navegados, sem telegrafia a bordo, sem mecânico, num aparelho de reduzida potência, que naufragaram duas vezes, que andaram a jogar a cabra-cega com os tubarões e com a morte, dobrado deve ser o nosso júbilo perante a fanfarra mundial agora desencadeada.

Nesta ocorrência há, todavia, um lampejo dessa justiça imamente que as boas almas crêm ser planta da terra. Sacadura e Gago Coutinho realizaram a proeza assombrosa sem grande reparo, como já atrás advertimos, do mundo neste momento interessado com os dois aeronautas espanhóis. Foi preciso que gente de Portugal andasse a badalar a nova de Seca em Meca. Os jornais não pediram informes, foi preciso levá-los; as legações portuguezas no estrangeiro traduziram e imprimiram folhetos relatando o feito; criaturas de boa vontade fizeram disso um sport ou uma cruzada. À parte a América do sul, mórmente o generoso e fraternal Brasil, o nosso raid transoceânico foi relegado à categoria de tantos centenaes de raíds, onde há garbo, sim, e audácia, mas sobre que se vira a fôlha para nunca mais. Bem certo que Sacadura e Gago Coutinho falaram na tribuna capitolina da Sorbonne e fôram agasalhados por monarchas. Mas não é menos verdade que a aura universal, que Franco e Ruiz de Alda hoje disfrutam, foi aos nossos re-fractária. E seria a oportunidade de perguntar: a que attribuir esta desigualdade de fortuna? Será a nossa pequenez, que devia ser motivo de levitação, e parece o trambolho que rebaixa nossos vôos de água? Será a um preconcebimento pejorativo e vicioso, arreigado na consciência dos outros povos, para com tudo o que tentemos, preconcebimento êsse filho do nosso atraso e de nossas lamentáveis desordens? Ou será porque moramos neste calcanhar do mundo, nem vistos nem achados, mal representados no estrangeiro, inocentes ou inaptos a servirmo-nos da temível arma da publicidade? Seja como for, freqüentes vezes se comete para conosco a injúria de esquecer o esforço que dispendamos na guerra, e se votou a um meio silêncio, injustificável, o lance magnifico de Sacadura e Coutinho. Estou em dizer que nos nossos dias se repete o que sucedeu na era de quinhentos. As naus portuguezas foram as primeiras que ousaram rasgar o então ignoto e temeroso mar. A todos os ventos riscaram rumo, como demonstra a sciência histórica moderna. Fomos a cascos de rólha e não houve bêco ou encrusilhada do planeta, água ou terra firme, que não pisássemos. «Não há rocha por êsses golfãos — diz algures Vieira — que não se tenha infamado com o sangue portuguez». Devido à politica dos gover-

nantes ou porque ainda e sempre agisse como um tapadoiro a nossa pequenez territorial, o sulco que as quilhas das nossas caravelas iam rasgando pelo mar desconhecido não era mais que espuma desvanecente.

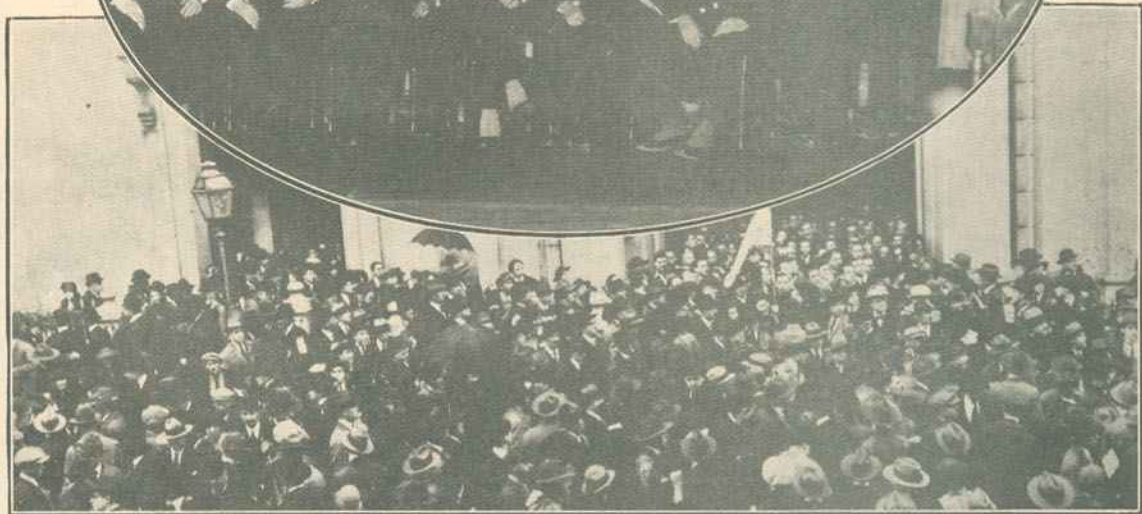
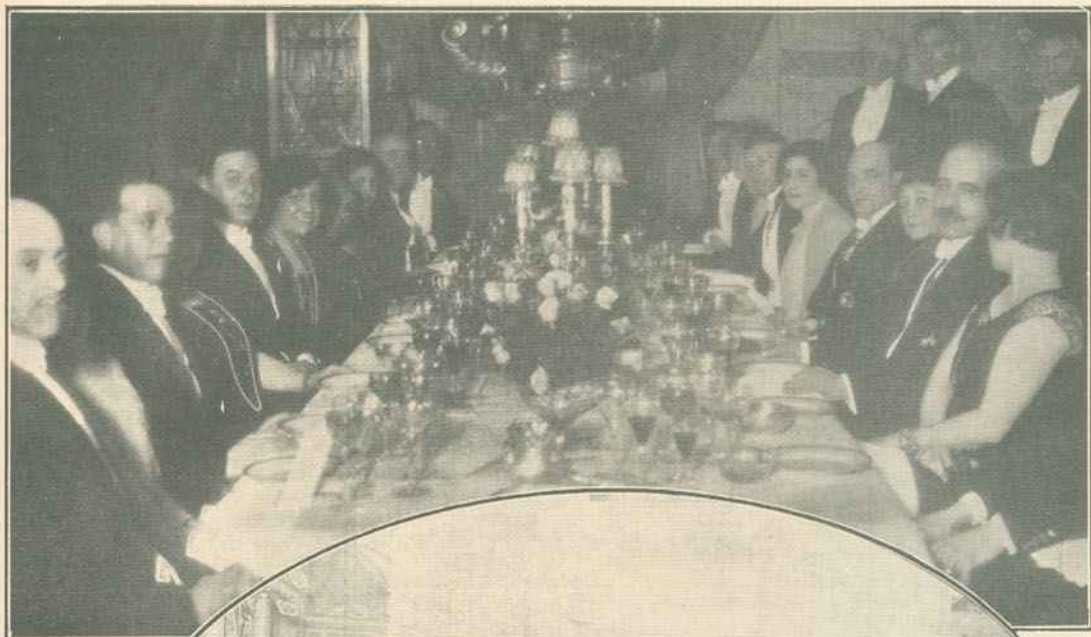
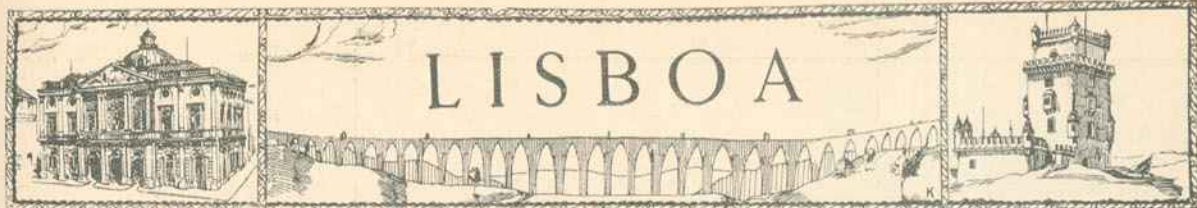
Espanha veio na peugada como agora. Não sei se eram os pavezés dos seus galeões que se desfraldavam mais alto, se o clangor das suas charamelas que soava mais forte, ou se tudo seria milagre da voz poderosa dos grandes reis católicos, o que é fora de dúvida é que nenhum dos seus navegantes escreveu páginas — algumas, por sinal, estupendas — que ficassem no olvido. Com elas se fez a história.

Não nos magôa que a imprensa espanhola cale neste nobre passo da sua aviação de guerra o nome dos nossos aeronautas. Compreende-se. Está na lógica do patriotismo, na própria filáucia da divisa: *Plus ultra*. Choca-nos a desconformidade de opinião e smopolita entre êste feito e o dos nossos. Honra seja a Franco e a Ruiz de Alda que magnanimamente reportam para Sacadura e Coutinho dos louros que andam colhendo. Tal bizzarria de ânimo força-nos a considerar como indecoroso qualquer pensamento menos nobre que alimentássemos a seu respeito. Como hispanos, cordialmente os aplaudimos e saudamos de chapêu na mão. O facto de confessarem os seus precursores só os engrandece e nada lhes rouba à glória tão ufanamente grangeada. Que, em contraposição dos nossos, dispõem dum aparelho de maior raio, dum motor mais resistente, de telegrafia a bordo, de bom mecânico, de *todos los adelantos* que a técnica aeronáutica aperfeiçoou e inventou nestes três anos chegados?! E' muito, mas não é tudo. O considerável é a vastidão oceânica, saltos de 1000 a 2000 quilómetros de água, só água, de céu, só céu. Para o frágil aparelho da aviação espanhola o maravilhoso, sempre inédito, sempre intacto, está naquilo.

Depois, á conta de Franco e Ruiz de Alda é forçoso levar em conta a galhardia e elegância com que saltaram de continente para continente. Nisso, só iguallados por Sarmento de Beires e Brito Pais até Karatchi e Peltier d'Oisy até a China, se atenua a vantagem que o *Plus ultra* leva ao *Lusitânia*.

Que os heróicos aviadores fechem o raid Palos-Buenos Aires com tanta sorte como se lusitanos fôssem! No novo continente haverá portuguezes a festejá-los. Há lá a grande nação brasileira. Agasalhando-os com a fidalguia em que timbra, será ainda o orgulho que pôs em coroar a façanha de Sacadura e Gago Coutinho — pois a glória do nome portuguez a julgo indissolvelmente associada ao nome brasileiro — será ainda o seu legitimo orgulho que magnifica.

AQUILINO RIBEIRO.



Aspecto do banquete dado em honra do sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, pelo sr. Embaixador do Brasil
 Grupo de individualidades dos meios comercial e industrial que tomaram parte no banquete oferecido pela Associação Comercial de Lisboa ao deputado francês, Mr. Charles
 Cante, que visitou o nosso país em missão económica
 A' saída das exéquias celebradas no templo de S. Domingos, por alma de D. Carlos e D. Luís Filipe

O ÚLTIMO
MOVIMEN-
TO REVO-
LUCIONÁ-
RIO, QUE O
GOVERNO
JUGULOU
DENTRO DE
POUCAS
::HORAS::



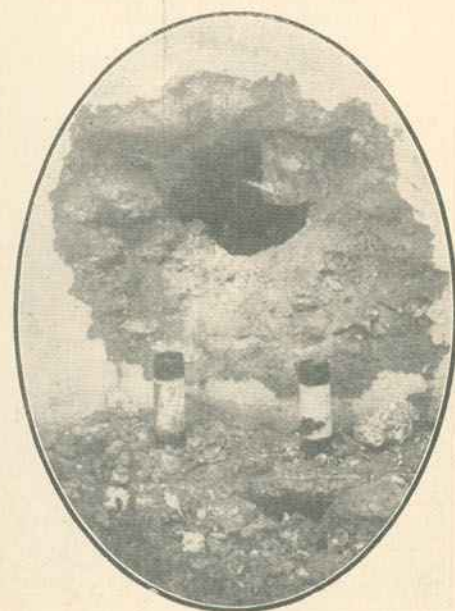
O acampamento dos revoltosos, em Almada, após a sua rendição às tropas sílfantes



Os revolucionários presos, conduzidos, entre a escolta, para o Porto Brandão



Interior de uma casa da Rua da Madalena, onde explodiu uma granada dos revoltosos



Efeitos de uma granada, disparada do Castelo de S. Jorge, no muro do Castelo de Almada



O 31 DE JANEIRO

A comemoração desta jornada heróica, culminante nas suas tradições republicanas, assumiu na cidade invicta um carácter de singela grandeza. Sem o fausto de paradas militares nem o aparato de estonteadoras luminárias, não deixou, todavia, de alcançar o devido significado, mercê da sinceridade de que foi revestida. O sr. Presidente da República, durante o pouco tempo que foi hóspede da segunda e operosa cidade do país, foi alvo de constantes e efusivas homenagens. Tanto à sua chegada como na concorrida recepção levada a efeito no sumptuoso *salão árabe* do Palácio da Bolsa, como ainda em tôdas as restantes solenidades, foi sempre muito acarinhado a sua presença.

O 31 de Janeiro no Porto foi, este ano, um verdadeiro *dia das escolas*, facto que só lhe acentua encanto, pois, desde que uma das bases da propaganda do novo regime consistiu



A multidão, na Praça da Liberdade, assistindo à passagem do sr. Presidente da República

na melhoria do nosso ensino, em nenhuns lugares de outra natureza poderia esta data notável ser melhor festejada. Assim, o Ilustre Chefe do Estado honrou com a sua visita as escolas n.º 35 e 36, de Paranhos, a Escola Infantil n.º 1, na Praça da Alegria, e a Faculdade de Ciências, onde o ilustre Chefe do Estado foi acolhido pelo corpo docente e pelos escolares com mostras de grande simpatia.

O Sr. Presidente da República assistiu também ao lançamento da primeira pedra para a construção da Casa dos Jornalistas, cerimónia que foi precedida de uma sessão solene no salão nobre da Associação dos Bombeiros Voluntários em que S. Ex.ª teve ocasião de proferir um elegante discurso enaltecendo a memória de alguns dos mais insignes jornalistas portugueses, como Rodrigues de Freitas e João Chagas.

Por último, houve também outra recepção na Universidade, em que o sr. Dr. Bernardino Machado, falou outra vez com elevação de idéas e acentuado brilho de forma.



Um aspecto do banquete dado em honra do Chefe do Estado no Grande Hotel do Porto

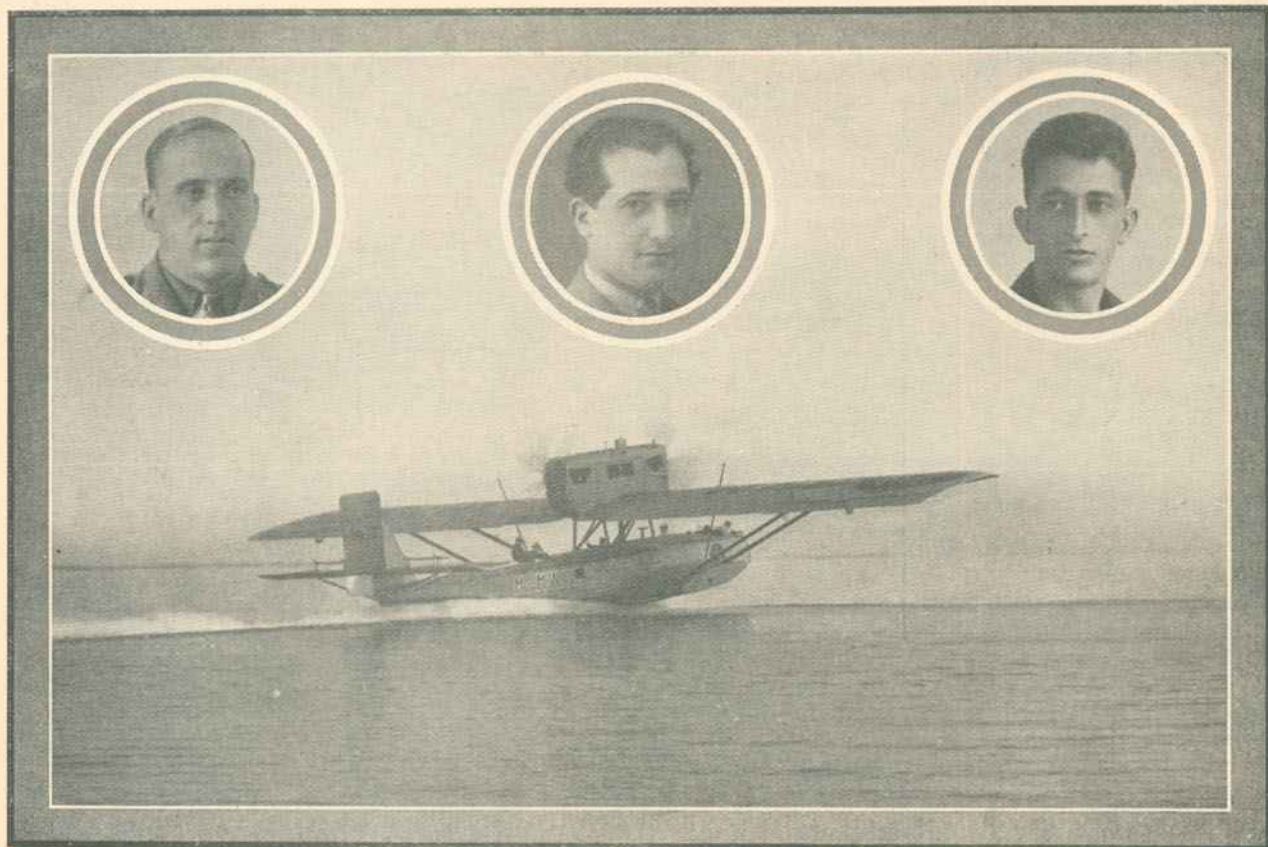


Cerimónia do lançamento da primeira pedra para a edificação da Casa dos Jornalistas

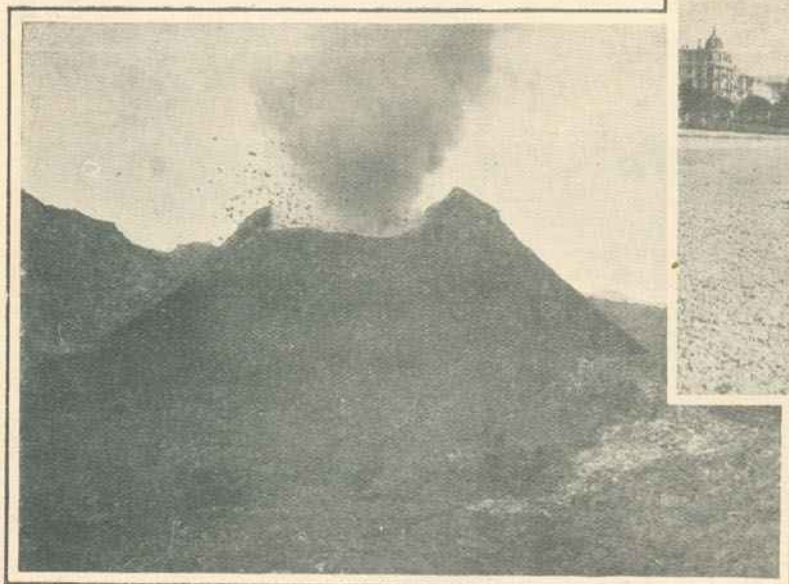


A visita do Sr. Presidente da República à Faculdade de Ciências, vendo-se à esquerda o eminente matemático, sr. dr. Gomes Teixeira

ESTRANGEIRO

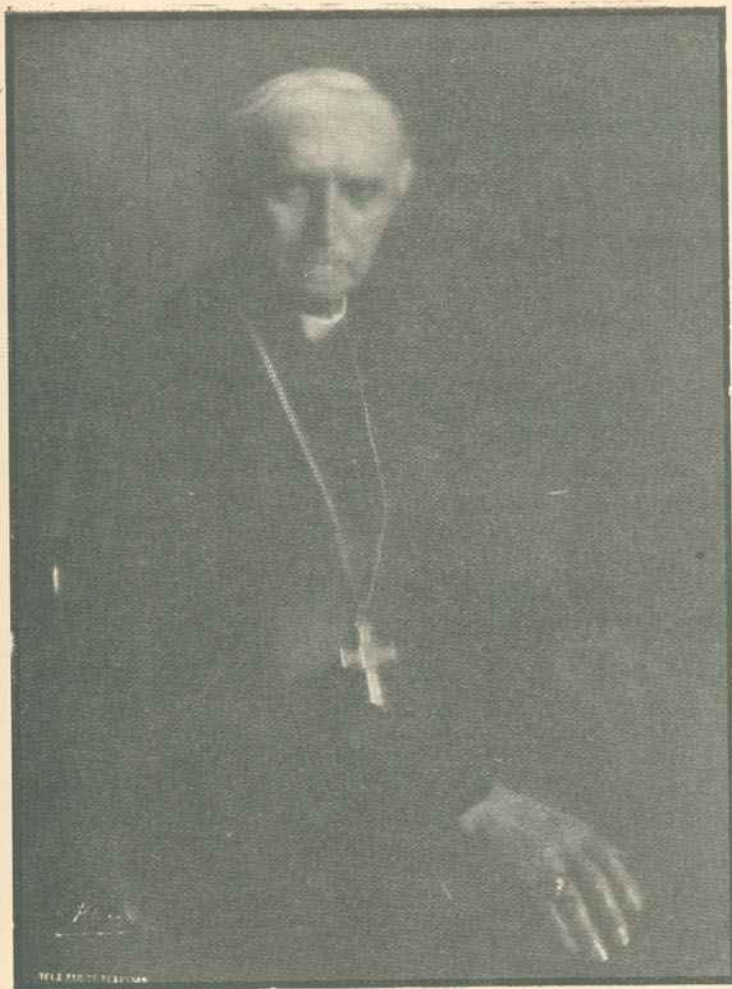


Nos medallhões, da esquerda para a direita, os três aviadores que iniciaram o vôo do Plus Ultra: O Capitão Ruiz de Alda, o Comandante Franco e o mecânico Rada. — O avião, no momento de descolar. — A Espanha está vivendo horas de febril ansiedade e de exaltado orgulho patrio. Filhos seus, levados num alto cometimento de audácia e de saber, traçaram já através dos ares e sobre o imenso Oceano, a ligação da Pátria-Mãe com as terras moças da América, cujas naturais proveem da mesma raça. As maiores e mais ásperas etapas estão vencidas. Mais outro vôo do Plus Ultra com igual felicidade — escreveremos estas palavras na véspera do dia fixado para a sua partida do Rio de Janeiro — e ei-los, ahim, na opulenta capital da Argentina, ponto extremo da sua rota, onde os espera uma recepção de justa apoteose. As comições que agitam neste momento a alma espanhola, compreendem-nas bem todos os portugueses. Elas são idênticas as que fizeram fremir os nossos corações quando da travessia Lisboa-Rio de Janeiro levada a cabo por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, empresa de alto heroísmo de que os bravos aviadores espanhóis, segundo lealmente confessaram, cobraram inspiração para a sua. Esta circunstância ainda mais afervora o alvoroço da nossa vigília. Fraternalmente, os votos de Portugal pelo completo êxito da viagem Palux de Moqueer-Buenos Aires são tão vivos e sinceros como os da Espanha



Os apaixonados da linda Nice mantêm-se-lhe fiéis mesmo quando o inverno faz das suas. Como se vê, emquanto a neve anda passariando sobre as cúpulas dos edifícios as elegantes entregam-se aos seus prazeres de praia, como se estivessem em tempo estival

À esquerda: — O Vestíbio acordon agora mais uma vez do seu letargo, rugindo e vomitando a baba incandescente; e os *touristes* acorrem logo a contemplar o gigante irado, talvez na suposição de que se ele saiu do seu repouso foi somente para lhes proporcionar um espectáculo inédito

A MORTE DO
CARDEAL MERCIER

A saúde do eminente Cardeal Mercier, há muito combalida, cedeu o passo à morte. Sábio de reputação universal, tendo durante vinte anos feito de Louvain o santuário da filosofia tomista, o seu fúlgido espírito, ao apagar-se, mergulhou tôdas as consciências nas sombras do luto. Porque o Cardeal Mercier não foi apenas um prelado de singulares virtudes e de acrisolada fé, que se impusesse tão somente por êsses, aliás poderosos, atributos à veneração do mundo católico. A sua estatura excedeu a órbita da Igreja e num momento o heroísmo da sua bela e piedosa alma converteu-o num símbolo do Direito e da Justiça. A sua voz, repassada de sagrada revolta, ecoou por todo o orbe civilizado e a humanidade voltou para êle os olhos doloridos. Foi quando a Alemanha invadiu a Bélgica, nesses trágicos dias de 1914. Face a face do inimigo que não respeitava leis nem tratados, a sua serenidade e a sua resignação tiveram o poder miraculoso de o fazer hesitar na sua fúria vandálica. Perseguições atrozes, iniquidades sem precedentes na história moderna, e até a calúnia vil aguçada contra êle, — tudo resultou inútil para vergar a sua assombrosa energia espiritual. A sua resistência à tirania dos generais germânicos pode dizer-se que operou com a força dum aguerrido exército, pelo movimento de protesto contra os processos alemães que suscitou no mundo inteiro.

De simples perfil são estas linhas que registam o passamento do grande sacerdote. Não cabem, pois, aqui pormenores da sua biografia. Cérebro potente que elaborou uma notável obra filosófica, não foi êsse, todavia, o aspecto da sua individualidade que imprin-

miu amoravelmente a sua imagem nos corações de todo o universo. A sua acção de sacrifício durante os anos da guerra, acção que teve muito do martírio que leva à santidade, é que o modelou perante tôdas as consciências crentes e não crentes como uma das mais perfeitas encarnações da bondade cristã.



NO PRESTÍTO FÚNEBRE DO CARDEAL MERCIER

O cortejo com os despojos do heroico prelado caminhando da Gare para a Igreja de Santo Michel



Da esquerda para a direita: O Marechal Foch, o Rei Alberto da Bélgica e o Príncipe Leopoldo

SOCIEDADE ELEGANTE



Soirée na Embaixada do Brasil, oferecida pelo sr. Embaixador e sua ilustre esposa ao corpo diplomático e pessoas da sua intimidade



Grupo de convidados que assistiram ao baile que o sr. Manuel Soares de Nazareth realizou nas esplêndidas salas do seu palacete da Rua João Crisóstomo



Matinê infantil promovida por um grupo de senhoras da nossa sociedade elegante e realizada na Sociedade Nacional de Belas-Artes, cujo produto se destina a auxiliar a Sopa dos Pobres de S. Sebastião da Pedreira e outras instituições de beneficência



Grupo de senhoras que assistiram ao baile na Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências, dado em honra do Orfeão Acadêmico que visitou o Brasil em missão artística

DESPORTOS

O MATCH LISBOA-PORTO

O XXI Lisboa-Porto, realisoou-se em 7 do corrente no campo do Sporting Club de Portugal.

O encontro terminou com a vitória do grupo representativo do Porto após um jôgo em que os

Podemos ainda acrescentar que o Porto jogou com muitíssima sorte, factor este também bastante importante no decorrer dum encontro desta natureza.

A linha de avançados portuenses foi em conjunto muitíssimo superior à de Lisboa, o que não é de estranhar pois os seus jogadores conhecem-se muitíssimo melhor.

que o costume mas cumpriram bem o seu lugar.

Cipriano foi culpado do segundo goal que poderia bem ter evitado.

O público portou-se muito bem, pois sendo um público naturalmente partidário, nem por isso deixou de aplaudir os rapazes do Porto, não tendo dirigido um único insulto ou remoque



A equipe representativa da cidade do Porto



Uma esplendida defesa do guarda-rêdes Siska

representantes da capital podiam e deviam ter ganho.

A derrota do «team» de Lisboa pode-se attribuir a dois factores e que são:

À má actuação da linha de avançados de Lisboa, exceptuando Liberto, o extremo direito e à colossal exhibição de Siska, o guarda rêdes húngaro do Foot-Ball Club do Porto.

A meia-defeza de Lisboa jogou brilhantemente e isso para nós não nos causou surpresa.

Os elementos que a compunham pertencem ao mesmo club e todos jogaram bem, especialmente César que está presentemente em muito boa forma.

Jorge Vieira e Pinho jogaram menos do

quer aos jogadores quer aos espectadores que vieram do Norte assistir ao match.

Convém frisar esta nota desportiva do público da capital que soube suportar a derrota com serenidade. Será bom que isto sirva de exemplo para muitos, pois Lisboa sob o ponto de vista desportivo conseguiu ontem uma grande vitória.

CARICATURAS EM VERSO DE:



Pl'a sagrada luz do dia
Reza tu que eu já não posso!
Padre-Nosso, Avé-Maria!
Avé-Maria, Padre-Nosso!

Luar branquinho de mágua
Que eu soluço dum só trago!
Tenho os olhos rasos d'agua
Sulfurosa de Vidago!

Oh terra de Portugal,
Terra de mil cavaleiros!
Hóstia do meu ideal
Com Pinheiros & Pinheiros!

Toco cantigas sem fim
No sino do coração!
Tim, balalim, balalim!
Tão, balalão, balalão!

• • •



Há quem se canse a jogar
E a sorte nunca se expande!
Tu jogaste um só olhar
E apanhaste a sorte grande!

Dizem que respiram cio
As tuas olheiras pretas!
Eu por mim já não me fio
No que dizem taboetas!

Dizem que a minha vizinha
É honesta e recatada,
Mas sai à noite sósinha
E vem sempre acompanhada!

Ao velho que te deixou
Chamavas por estribilho
— Se estavas vestida —: Avô!
— E se estavas nua —: Filho!

• • •



O canário
Sem mudar horário
Faz dias a fio:
Pío, pío, pío, pío!
Já de manhãzinha,
Êle pede alpista
Lá da gaiolinha!
E vendo um talinho
Come sem fastio:
Pío, pío, pío, pío!
Tão devagarinho
Como pequeninos
Sinos!

As baratas
Como andam de gatas
Não fazem barulho!
Logo à noitinha
Vão ao entulho

Da cosinha
De lés a lés,
E é um regalo
Ouvir-lhes o estado
Debaixo dos pés!
Tau! Tau! Tau!
Que bicho tão mau!

E o mosquito?!
Que bonito!
Que harmonia
Noite e dia
No zumbido!
E não sabe música
Canta de ouvido!

E a pulga?!
Ninguém julga
Que, tão pequenina
Ela dê saltos
Tão altos,
Que coitadinha,
Embora não pareça,
Pode quebrar pela espinha
E às vezes parte a cabeça!
Quando o vento
Num lamento
Ruge
Muge
Na janela,
A gente salta da cama
E chama
A ama
Que vem logo à caça dela!
Numa arremetida
Faz dela uma torcida
E deita-a no brazeiro
Sem dó algum!
Coitadinha
Da pretinha
De mau agoiro!
Dá um estoíro
Que nem um pandeiro:
Pum!

HENRIQUE ROLDÃO.

LENDA DE LÚCIA MIRANDA (INÉDITO)

LÚCIA MIRANDA, mulher de Sebastião Hurtado, era uma bela andaluza de Ecija. Acompanhando o marido às terras férreas do Prata, por mandado de Carlos V, seu rei e Senhor, com elle assentou moradia no fortim do Esp.^{to} Santo. E ali, a sedução do seu rosto e o encanto das suas graças, breve a tornaram idolo de colonos e indigenas. Segredava-se mesmo que o vizinho cacique Mangoré, chefe da tribu dos timbús, como seu irmão Siripó, só de a verem de longe para sempre se deram por enfeitados.

Em certo momento Sebastião Hurtado entregou a mulher a guarda do fortim, e seguiu o seu capitão, D. Ruy Garcia de Mosquera, no hóje veleiro da Argentina, a cata de provisões para os colonos das ilhas do contorno.

Mas, a expedição a meter a prôa ao mar, e o cacique Mangoré, alucinado de amor, a decidir o assalto a pousada da feiteira, a dispôr o rapto violento daquela que lhe fazia os dias sombrios sob a própria rosa do sol, e lhe volvera as noites sem sono em campo safado de espinhos.

Assim, chamou o irmão Siripó a conselho — que na obediencia devida ao chefe logo lhe sacrificou a paixão pela branca. E levantando em pé de guerra os homens válidos da sua tribu: e obtendo auxilio dos caciques Aneya e Bocen, uns e outros armados de azagaias e lanças de pau ferro, apetrechados de clavas e fibras combustíveis, avança contra a fortaleza, a horas quietas do amanhecer, o Cruzeiro ainda a deitar a benção a terra estremunhada.

Naquellas plagas remotas, a vista dos troncos e ramagens da pampa, sob o marulho surdo das aguas do Prata, — a arrastarem palhetas argentinas das ricas vertentes do Perú — a historia vai repetir-se. Uma vez mais o sangue correrá por sortilegio duma mulher. Outra vez Helena será disputada a ferro e fogo, atravez de uivos e prantos. Esta Helena, porém, no seu apêgo a Menelau, não seguirá Paris por seu pé, o Paris de terra cota e corpo desnudo que afronta o perigo na febre de a possuir pela vittoria.

Inicia-se o ataque. As atalaias do fortim, á inesperada torrente de indios armados, saltam o seu brado de alarme.

Acorrem os homens de armas da guarnição. Por entre elles, chocando com elles, pávidas de medo, vestidas ao acaso, suplicando, rezando, veem em chusma mulheres e crianças confiadas ao redil.

A turba dos assaltantes envolve os muros, trepa as árvores fronteiras, estica os arcos de madeira, ulula, grita, ronqueira. Vista de cima, das ameias do fortim, a luz tremula da madrugada, semelha um enxame de abelhas a zumbir em torno de colmeia. As flechas sibillam. As *murciéls*, lanças temiveis, hervadas de venenos mortais, apontam os sitiados. E enquanto caciques e vassallos, na grita atordoada do assalto, procuram cevar o odio de raça e de humilhação contra o estrangeiro tornado senhor, Mangoré, as *aiucardés* de búzios cingidas ao pescoço, os olhos negros alumiados de fé, bate-se por Lúcia, soberana de corpo ondulante que nem o brincar da onça, de pele alvadia que nem a crista da ema, que lhe perturba as noites como o espirito maligno de Tupán nas horas de pesadelo, alvoroçando-lhe o coração como as iras sagradas de Ibag a rugirem nos trovões.

Ao ataque dos de fora corresponde a defeza dos de dentro — a principio tumultuária e incerta, depois regular e activa, por fim heroica e alucinada. As próprias mulheres, dominado o pânico do alarme, afloram os tímidos, cuidam dos feridos, a provisionam os combatentes. As flechas dos indios cruzam-se com os pelouros dos espanhois. A grita dos nativos afoga-se no ruído estropear de bombardas e mosquetes coloniais.

A manhã clara. Definem-se nos muros atacados os valorosos defensores do forte. Mangoré, supondo ver numa das mulheres que lhes carretam pólvora e pelouros a cubichada Helena da nova Troia, arremete contra a muralha — caído morto, varado o peito por um pelouro.

Os indios espumam de furor, Siripó, legitimo herdeiro do cacique, seu herdeiro no poder e na paixão, toma o comando dos sitiados, aju-

lando-os e enfurecendo-os. De maneira que, quando os sitiados começam a desfalecer na defeza, porque escasseiam os lutadores, porque faltam as munições, a horda acobreada consegue galgar a muralha pelo ponto mais fraco, e logo lança fogo ás casas de habitação e de depósito, e ferozmente trucidá os raros sobreviventes da refrega.

E é á luz crua das labarêdas, o sol afogueado de assombro a espreitar da linha recuada da planura, que Siripó ergue nos braços fortes o corpo vivo de Lúcia — débil andorinha a estrebuchar nas garras do condor, os olhos desvairados dela fulgindo a par dos olhos triunfantes d'ele.

Sebastião Hurtado regressa da expedição a bord' da Argentina. No logar do fortim encontra ruínas. Em vez da alegria dos companheiros recebe-o o silêncio dos cadáveres. E por certa testemunha furtiva da chacina sabe que Lúcia desaparecera e se internara nos domínios dos timbús.

O rude soldado de Mosquera, arrependendo-se de dor, carpindo-se de saudade, separa-se dos camaradas e bate caminho no rasto provável da extraviada.

Crê que ela tenha fugido no terror da refrega. Presume-a sob o tecto dos indios hospitalarios — pois é dos costumes darem asilo aos próprios inimigos. E assim, não vai como Menelau, com gente da sua feição, em som de guerra, em demanda de Helena raptada por Paris. Vai antes como pastor de cuidado á busca de ovelha tremalhada na affição do lobo que lhe arreganhara o dente.

Atravessa terrenos desertos, a alma simples á escuta das fagueiras promessas da confiança. O corpo lindo de Lúcia é mais lindo do que nunca desde que a sorte lha afastou para longe. Preciosa ânfora moldada ao geito e côr das rosas, só por ela bebe o licor que lhe torna doce o fel da nostalgia. Lúcia deve estar no meio dos indigenas leais, embora ferozes, na incerteza da sua chegada, no receio de nova chacina, adorada como mensageira benigna do grande Ibag. Para se fortalecer nesta creença traz de novo ao pretório as régras da hospitalidade timbú, reedita o juizo corrente do respeito dos indios pelas brancas. Demais, se praticam a antropofagia, é só em desafrenta de agrivos e malefícios.

As terras dos timbús, amanhadas pelo labor das mulheres, eram nessa data abundantes de alfarrobeiras — as tristes alfarrobeiras, filhas familias das regiões austrais, degredadas para as colinas soalheiras do Algarve nos tempos dos primeiros colonos da America do Sul.

E já agora, um parentesis — para que saibam, quantos isto lerem, que a alfarrobeira, apezar de desterrada na Europa há longos séculos, não sacrificia os costumes patricios aos que veiu encontrar no exilio. A primavera do exilio corre de Março a Junho — é nesses meses de festa que a familia vegetal celebra a pascoa da ressurreição, cobrindo-se de flores e gorgeios. A primavera da pátria, a do sul, vai de Setembro a Dezembro — são esses os meses em que as pampas a celebram sob a dalmática colorida da aletuia.

Ora a alfarrobeira olha as árvores do norte, trajadas de bóda em Abril, e fica-se indifferente, n'uma quasi tristeza de viuvez. Mal aponta, porém, o mês de Outubro, e vê-la, fiel á voz do sangue, a acompanhar de longe as suas irmãs do Cruzeiro — cobrindo-se de flores como elas, com elas comungando na Primavera!

Atravez das ramagens das alfarrobeiras Sebastião Hurtado espreita o território do Siripó.

Começa descobrindo mulheres a amanhado o solo e a erguer as sementeiras. Lobra a *taba* senhoral sob a umbela de fôllas da piadoba. Avança uns centos de metros. Já as mulheres da lavoura, as mais próximas, os sentidos agudissimos despertados, levantam a cabeça e farejam o ar, distendendo o beijo furado pelo *batoque*. De súbito, perto da *taba*, o pé pisando os vergéis de

cultivo, á porta duma cabana maior, em frente de homens de penachos sentados num tronco abatido, vê um vulto de mulher trajado á europeia, o ar mais triste do que o da aza no palpitante da agonía. É ela. Reconhece-a. Estranho ao perigo, abrasado pela sede dos seus beijos, atormentado pela febre de a sentir nos braços, grita a toda a voz:

— Lúcia! Lúcia!

Lúcia reconhece-o, primeiro pela voz, logo pela estatura, a destacar na trama verde da leve semeada. E sem dar tempo á intervenção dos guardas, salta o tronco estendido no chão e corre para o marido.

Ele arranca ao seu encontro, braços abertos, olhos fulgurantes. Ela car-lhe sobre o peito, a rir e a chorar. E a bóca dela, e a bóca d'ele, sequiosas uma da outra como a areia o anda sempre da água, trocam as medidas de beijos por tão longo tempo enceleiradas no coração.

Mas Siripó, que no interior da cabana ouvia emissários argutos, incumbidos de missão secreta ás cabildas vizinhas, surge á porta com o alarme da sua gente. Vê Lúcia nos braços do marido. O seu ciúme de fera, mais selvagem do que o da onça e mais silvante do que o da cascavel, rellê-lhe do sangue nos olhos e á bóca em rúbricos borbotões de furor. E rugindo e guinchando acomete os descurados amantes, que os homens de armas prendem e separam.

Ah, branca infiel! Esquiva feiteira, que a onda não eguala na esbelteza, nem o luar na alvura! Nunca mais mão pecadora de branco tocará a tua pele de flor!

Separados á força, presos por indios nus, estes de *cercillo* no coruto, aqueles de penas á cinta, Siripó faz amarrar Sebastião a uma alfarrobeira plantada no terreiro da *taba*. Depois aproxima-se da mulher, que estrebucha e grita no cerco dos *timbús*. Será elle o último senhor e amante a medir-lhe o primor das curvas. Esfarrapa-lhe os vestidos na presença do preso — este a arfar, a torcer-se, a espumar, a praguejar, bem seguro ao seu poste de supplicio. E com os dentes alvos a sublinharem na face parda o gozo da vingança, expõem as intimidades da desnuda á profanação dos vassallos, sujeita-a por fim ao abraço do seu instinto.

De amante baixada a captiva, ela vai partir com o marido, louco de desespero, a sorte pela regra imposta aos vencidos.

Convoca velhos e moços da *taba* alvoroçada. Faz conduzir ao terreiro bebidas fermentadas, tabaco em abundancia, e os instrumentos musicos dos dias festivos. Manda erguer a pira de ramos secos ao meio do recinto. *Tupan*, o deus da guerra, receberá nesse dia o devido sacrificio. E no remate da festa a tribu provará, homem por homem e mulher por mulher, a carne rechimada dos sacrificados...

Lúcia, na nudez dos mármores sagrados é posta ao alto da pira. Em volta formam indios e indias, uns e outros embriagados de furor religioso, prontos a iniciar a dança dos *poracés*.

As primeiras faulhas trompem do estrado de ramos. Os instrumentos tangem os primeiros acordes. Os pares esboçam os primeiros passos. As labaredas crescem. Lambem os pés dorridos da estrangeira. Crescem mais, na sofreguidão animal de abraçar, de cingir, de colher o pómo entregue a sua avidez. E quando de todo a envolvem, e o batoque recrudescer, e a dança rodopia, Siripó, imponente de majestade ao topo do terreiro, dá nova ordem aos seus pretorianos.

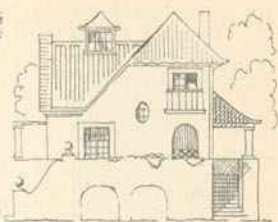
Então, os indios da guarda postam-se á ilharga do prisioneiro, que de olhos cerrados geme de angústia e se morde de raiva. O fogo sobe e estrelaça, crestando o corpo de Lúcia. Os arcos retezam-se e partem flechas. Do corpo contorcido de Sebastião o sangue começa a jorrar. E o pobre morre, lentamente, ao crepitar da fogueira, ao estrugir do batoque, num martirio maior que o do seu homónimo da era dos Cesares: — esse, apenas varado pelas setas de Diocleciano...

Lisboa, Janeiro de 1921.

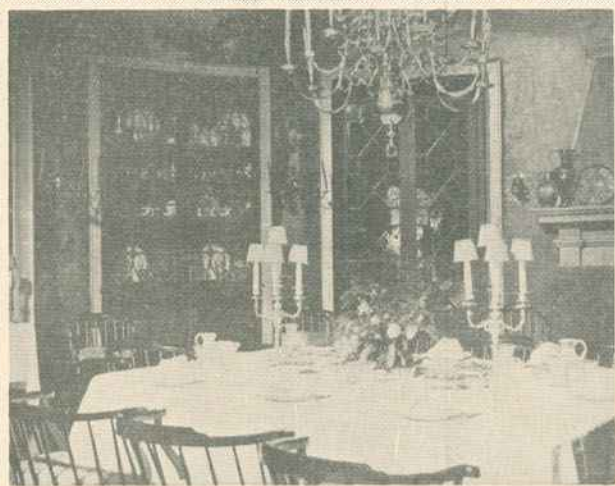
SOUSA COSTA.



A CASA PORTUGUESA



O PALÁCIO DOS CESARES, EM LISBOA



É esta uma das mais nobres casas de Lisboa, cuja construção primitiva data de há mais de trezentos anos. Antes do meado do século XVIII acrescentou-lhe Vasco Fernandes Cesar de Monizes, Vice-Rei da Índia e do Brasil, uma interessantíssima sala de jantar de planta oval com as paredes decoradas de frondosa ramaria que uma fauna exótica povoa. Ultimamente o falecido Sr. Conde de Sabugosa, transformou o pátio do palácio numa esplêndida biblioteca que, dando guarida a mais de 6.000 volumes, estabelece ligação conveniente entre todas as salas desta notável moradia.



S. VICENTE OU O INFANTE SANTO?



D. Afonso V, segundo o Sr. Dr. José de Figueiredo: o regente D. Pedro, segundo o Sr. Dr. José Saraiva



O condestável D. Pedro, filho do regente, segundo o Sr. Dr. José Saraiva, o que o Sr. Dr. Jaime Cortesão contesta porque, em 1495, data que aquele senhor atribul aos painéis o filho do regente tinha apenas quinze anos

SEGUNDO se crê, foram Colum-bano e sua falecida irmã, D. Maria Augusta, os primeiros artistas que, por acaso, em 1882, viram no Paço do Patriarca os chamados *Painéis de S. Vicente*. As tábuas serviam então de passadeira aos operários que nessa época trabalhavam no edifício. Contra esse facto se insurgiu e protestou o grande mestre contemporâneo da pintura, o que valeu às tábuas serem arrumadas em lugar seguro. Todavia, só em 1895 os painéis mereceram a atenção de um verdadeiro crítico de arte, o sr. Joaquim de Vasconcelos, que tendo-os visto nessa data, sobre eles escreveu uma série de artigos. Ai, em resumo, reconhecia o crítico que se tratava de uma obra portuguesa dos meados do século xv, acrescentando algumas identificações, entre as quais a da figura central com Santo Eduardo, e a do rei D. Afonso V e de sua mulher.

Só mais tarde, em 1909, o sr. Dr. José de Figueiredo tomou a iniciativa benemerita de procurar que os quadros fossem restaurados, para o que, desde logo, encontrou o auxilio técnico do pintor Luciano Freire, e monetário do conde de Penha Longa que, com igual benemerência, se interessaram pelos quadros.

No ano seguinte, restauradas as tábuas, publicava o sr. Dr. José de Figueiredo o seu livro sensacional — *O Pintor Nuno Gonçalves*, no qual, identificando a figura central com S. Vicente, apresentava em longo estudo várias identificações e atribuía ao pintor de D. Afonso V a autoria do políptico.

Passados oito anos, surgia novo livro — *Os Painéis do Infante* do sr. Alfredo Leal em que se contestavam as opiniões do sr. Dr. José de Figueiredo. Nesse volume defendia-se a identificação da figura central com Santa Catarina.

Finalmente, em Abril de 1925, o sr. Dr. José Saraiva, em artigo publicado em *o Século*, apresentava a ideia de que a figura homenageada fôsse o Infante Santo, hipótese que já o sr. Matos Sequeira aventara, mas que hoje não perfilha. As mais identificações diferiam totalmente.

Em Maio dêsse mesmo ano, numa conferência realizada no Museu de Arte Antiga, o sr. Dr. Jaime Cortesão contestava estas afirmações aproximando-se apenas nas suas conclusões do parecer do sr. Dr. José de Figueiredo. Por fim, há dias, apareceu o livro do sr. Dr. José Saraiva — *Os Painéis do Infante Santo* em que defende largamente o seu ponto de vista. Hoje o debate sobre a maravilhosa obra de arte tomou o aspecto de uma questão de interesse nacional.



O chamado painel do Infante onde se vê o Santo rodeado da família real

À vida do senhor sam vicete.



Am vicete foy homẽ fidalgo. e foy muiro mare nobrenia fidec

S. Vicente segundo um *Flos Sanctorum* de 1513



O Infante D. Henrique, segundo fotografia da iluminura que ornamenta o manuscrito da Crónica da Guiné, pertencente à Biblioteca Nacional de Paris



O Infante D. Henrique dos Painéis do Museu de Arte Antiga



A figura central doutro dos painéis



O S. Vicente do portal dos Jerónimos com um navio numa das mãos

Damos por isso nos nossos leitores alguns elementos para que melhor possam inteirar-se da origem de pleito, em cuja solução se têm empenhado, com as suas melhores armas de argúcia e de visão artística, alguns dos nossos maiores valores mentais, mantendo a «Ilustração» perante êle a mais absoluta imparcialidade.



S. Vicente da colecção Guerra Junqueiro hoje no museu



LIVROS E ESCRITORES



VIVIFICADOR dos temas eternos dos nossos cancioneiros, inteligência clara e coação puro, ambos abraçados de intensa fé lusitana, o poeta Afonso Lopes Vieira, poeta mesmo quando escreve laudas de prosa, deu agora ao *Romance de Amadis* nova estampa, com requintes gráficos que muito a superiorizam a anterior. Reproduzindo o texto da edição *principes*, salvo em ligeiras passagens, e ornando-se de gravuras colhidas do «Amadis de Gaula» impresso em Sevilha, em 1526, e do «Lisuarte de Grécia» (sétimo livro do «Amadis», impresso em Lisboa, em 1578, — este delicioso livro, que contém «uma heróica e amorosa canção», no próprio dizer do autor, é, seguramente, uma das suas mais notáveis acções literárias.



Afonso Lopes Vieira

Porque se trata de um regresso ao mercado de livro que obteve larga apreciação quando do seu lançamento, não é forçoso que lhe dediquemos agora largas palavras. Mas não podemos, todavia, deixar escapar o ensêjo de render homenagem e respeito ao talento tão delicado e tão português de Afonso Lopes Vieira, paladino dos mais nobres ideais estéticos e da vernaculidade da linguagem lusitana.

Afortunada foi esta empresa de restituir a língua-pátria esta preciosa história do século XIV, extraviada em língua alheia. Com a magia da sua pena, que a soube dotar do estilo mais próprio, sem termos obsoletos nem neologismos incompatíveis com a época em que decorre a intriga do romance, reconstituiu-a não apenas na sua forma mas também na essência, isto é, no ca-

rácter das suas figuras. Amadis e Oriana, em volta de cujo amor, simultaneamente casto e ardente, se desenrola o enredo, reingressaram, mercê do sentido divinatório de Afonso Lopes Vieira, na sentimentalidade da nossa gente, doce, constante, dum misticismo sensual.

Menéndez y Pelayo, o grande vulto intelectual da fraterna Espanha, classificou esta ressurreição da célebre obra dos Lobeiras deste eloquente modo: «a primeira novela idealista moderna e a epopeia da fidelidade amorosa, o código da honra e da cortesia, que disciplinou muitas gerações».

Que mais é possível acrescentar para louvar do *Romance de Amadis* e de Afonso Lopes Vieira, seu taumaturgo, pois isto tem côres de verdadeiro milagre literário? Por isso é compreensível o orgulho do poeta das *Ilhas de Bruma* quando, na página de ofertório a seu pai, lança a hipótese de ser este o seu mais alevantado e luminoso empreendimento no campo das letras.

Luis de Oliveira Guimarães enfeixou no volume *Saias Curtas* mais um punhado das suas scintilantes crónicas atiradas a esmo para o periodismo fugaz. Sob aquele título, um nada tocado de malícia, encontramos graciosas notas de comentário à vida elegante hodierna, tão salpicada de frivolidade, tão cabotina, tão opida de artificialismo. Os aspectos dramáticos da existência humana não seduzem a pena do moço cronista, cioso de que ela mergulhe somente em tinta caldeada de *blague*, humorismo, paradoxo e galantaria. Ocorre-nos sempre perguntar, ao voltar a última página dos livros deste autor: a sua atitude é a de panegirista da sociedade fútil que desenha nos seus escritos, por vezes através de diálogos de viva flagrância, ou, pelo contrário, há nêle o propósito, habilmente disfarçado, de caricaturá-la? Com franqueza, hesitamos na resposta. Mas o que é certo é que de estas páginas, em que perpassa o que há de mais típico no Chiado faceiro dos nossos dias, com as suas estilizadas figuras de mulheres que tem mais nervos do que coração, extrai-se uma desenfadada hora de leitura risonha, volúvel e amável. De quando em quando o autor aproxima muito a sua *maneira* de aquela que tem dado celebridade, sobretudo entre o público feminino, a Júlio Dantas. A erudição, mais

copiosa no escritor da *Ceia dos Cardeais*, corresponde mais irrequieto bom-humor, mais penetrante graça, no autor das *Saias Curtas*. Mas, no fundo, é o mesmo o processo de ambos e também os motivos, colhidos, na sua maior parte, por um e outro, nos meios mundanos, são idênticos.

Os estudos de história e geografia tem entre nós quem lhes dedique paixão. Por exemplo e dos mais marcados, Luis Schwalbach, um dos mais idôneos elementos do corpo docente dos nossos liceus. Certificando a sua invulgar competência nesses assuntos está, entre mais, o facto de a casa Aillaud o ter escolhido para actualizar o mais completo atlas geográfico de que dispõe o nosso ensino, tarefa essa erizada de escolhos.

Esse pendor da sua inteligência levou-o também a elaborar este livro *O Mundo depois da Grande Guerra*, que em dez capítulos desenvolvidos em cento e tantas páginas analisa e comenta as alterações impostas pelo último e ruinoso conflito europeu ao mapa político do universo. O arguto espírito do autor, assenhoreando-se do íntimo significado de factos que boiaram à tona do *mare-magnum* do noticiário sem que o geral das gentes lhes apercebesse a real importância, perscruta-o, agita-o, sujeita-o a interpretações de todo ponto lógicas, de modo a tornar-nos claros certos problemas até agora bastante confusos. A linguagem, desenvolva e esmaltada de felizes laivos irónicos, em que este opúsculo aparece escrito não lhe acresce pouco o valor. Assim, não há relutância em tomar contacto com assuntos de certo modo graves e complexos como estes que respeitam à política internacional. Os dois capítulos finais tem para nós excelência. Num deles surge a dúvida que anda no espírito de quasi toda gente: é a Sociedade das Nações um mero concílio de idealistas ou reside nela algum poder que possa velar pela paz do mundo? No outro é delineada, sobre criteriosos pontos de vista, a directriz a imprimir à nossa política externa. O seu rumo mais simpático ao autor é o que leva direito ao Brasil.

O poeta da *Anunciação* e da *Mulher de Bêncam*, poeta que as multidoes, se estas fôsem

sensíveis à pura beleza, não tardariam em consagrar, trouxe há poucos dias a público um novo livro, *Fogueira Eterna*.

De poucos autores se pode dizer o que é da mais elementar justiça afirmar de António Alves Martins: a sua ascensão tem sido continua. O seu estro tem, de livro para livro, aberto mais largas asas e atingido cada vez maiores alturas espirituais.

Em contrário da maioria dos líricos portugueses, o lírico da *Fogueira Eterna* não põe o seu coração a arder sómente na ara doirada do Amor. Se a ternura pela mulher é nêle uma força, se os seus versos de indole amatória devem, na verdade, ser colocados entre os mais sentidos e originais que a nossa literatura, tão opulenta, aliás, nêles, conta,— há no seu talento atributos e facetas que o singularizam e o apartam da chusma dos poetas portugueses do nosso tempo. Na inspiração de António Alves Martins lucila o intuito de alargar os horizontes da vida e de lhe introduzir o sentido da eternidade. O problema de Deus, o problema do mal, as infinitas dôres do mundo, atormentam frequentemente o pensamento do poeta. A aflicção do seu espirito não se agüça com tanta tortura, felizmente para êle, como nos sonetos imortais de Antero de Quental, mas não deixa por isso de perturbar e envolver de sombras o seu canto muitas e muitas vezes. A beira da mulher amada, nas suas agradecidas rezas de paixão, suspende-se de súbito, ao escutar a grita tumultuosa da vida, em que, como poeta, se julga obrigado a intervir, melhorando as almas e erguendo-as do seu escuro cativeiro.

Na *Fogueira Eterna* confluem, em ritmos de quasi modelar recorte e duma sonoridade bela, estas correntes inspiradoras. Nas suas harmoniosas estrofes, nos seus sonetos construídos



António Alves Martins

com segurança, vemos o poeta partilhando o generoso coração, como precioso combustível, pelo lume do seu lar e pela fogueira que ilumina a marcha perpétua da humanidade para destinos que se sonham mais perfeitos e mais belos.

Martins Barata interpretou bem o sentido dos

OUVINDO CARLOS SELVAGEM

SOBRE
OS
PRÉMIOS
CRIADOS
PARA
A LITE-
RATURA
COLONIAL



M. Albert Sarraut, tido como um dos mais inteligentes titulares da pasta francesa das colónias, viu-se, há alguns anos, na necessidade de criar no seu país os prémios da literatura colonial, para assim estimular a propaganda dos vastos domínios que em longínquos continentes a França possui e que, afinal, o povo francês mostrava desconhecer quasi por completo.

A iniciativa de M. Albert Sarraut acaba de ser adaptada entre nós. É preciso que os portugueses se interessem pelas suas colónias, sintam a tentação de habitá-las, deixem de vê-las como meros locais de deportação para criminosos e desfaçam as lendas abastardantes que as envolvem.

Terá esse condão a recente medida governativa? Quizemos a este respeito colher uma opinião autorizada e para isso procuramos Carlos Selvagem. O dramaturgo vitorioso do *Ninho de Águias*, do *Herdeiro* e doutras obras, sobretudo porque o seu pulso escreveu também as páginas fortes da *Tropa d'Africa*, estava naturalmente indicado para isso.

— Como encara a recente instituição dos prémios de literatura colonial?

— Considero-a uma medida de certo alcance para fomentar o gosto e o interesse da massa gregária da Nação pelo seu império colonial. Numa conferência que realizei na União Intelectual formulei a este respeito opiniões e ideias bem claras, para dever agora aplaudir as mãos ambas essa iniciativa da Agência Geral das Colónias. Simplesmente me parece que os termos que regulam esse concurso não são inteiramente felizes. O concurso, posto naqueles termos, arisca-se a ficar deserto, a menos que os editores tenham modificado o seu critério comercial.

— Qual o género que poderá influir mais fecundamente no espirito do publico em geral?

— A novela, o romance, ou o livro de contos. O livro de viagens só excepcionalmente logrará um grande êxito e influenciará benéficamente o espirito dos leitores. Não devemos perder de vista que a massa da Nação, na sua enorme maioria, é analfabeta e, entre os que sabem ler, inculta. Só por-tanto as obras de imaginação e de inventiva terão certa eficiência.

— E julga que o cultivo dessa literatura deve ser aberto a todos os homens de letras, mesmo aos que nunca passaram sequer pelas colónias?

— Não vejo inconveniente algum em que concorram todos, mesmo os que nunca passaram a linha. É indiscutível que o ideal seria concorrerem todos os homens de letras que já viveram nas nossas colónias. Mas Júlio Verne, que em imaginação e através dos seus livros devassou não só toda a superfície do mundo, mas ainda os espaços inter-planetários e o interior do globo, de facto foi quasi que um navegador de água-doce, tendo feito escassissimas viagens. E nem por isso o fecundo e imaginoso escritor deixou de exercer uma tão grande suggestão no espirito da adolescência. O que se pretende, neste caso, é obra de imaginação e suggestão.

E Carlos Selvagem, como fêcho da nossa curta mas incisiva entrevista, acrescentou:

— Eça de Queirós também nunca foi à África; isso porém não o impediu de fazer uma tão perfeita tradução das *King Solomon's Mines*.

versos de António Alves Martins no desenho que concedeu à capa da *Fogueira Eterna*.

Na devoção pela prosa António d'Eça de Queirós procura seguir o alto exemplo de seu pai, o grande prosador dos *Maias* e da *Cidade e as Serras*. Evidentemente não vamos estabelecer confronto entre os seus talentos. Esse confronto seria o mais importuno possível, sob qualquer aspecto que o gizássemos. O que temos a considerar é se este escritor do *Anarquista* e do *Caim* atinge, nas suas obras, aquele nível de beleza, quer na concepção, quer na expressão, que garante a um autor o consenso da critica e do gosto publico.

Temos já no pretérito suficientes provas para afirmar que assim sucede: não lemos, dos seus livros anteriores, senão o *Caim*, mas esse bastou-nos para ficarmos vendo em António d'Eça de Queirós mais um romancista, num meio literário tão safado de penas que a esse difícil género se dediquem, de possibilidades bem mais que esperançosas. O seu entreccho agradou-nos e o



António d'Eça de Queirós

seu estilo evidenciou-nos firmes qualidades. Só um defeito notámos nessa obra: o seu excessivo desenvolvimento.

Hoje António d'Eça de Queirós facultou-nos a leitura de novos trabalhos seus, num volume que abrange as duas novelas *Em busca da Chimera* e *As sereias*. Uma e outra encerram interesse para quem se curve sobre as suas páginas de prosa correnteia e não escassa nem de colorido nem de intenção. Os símbolos que residem nas suas figuras, esculpturadas algumas com a energia máscula dum Rodin, são dos que mais se nos impõem ao espirito. As suas descrições da floresta e dos combates guerreiros tem grandeza. Há talvez até, sem proposito de censura nem de elogio e apenas no sentido de salientar a característica deste livro, que apontar-lhe a tonalidade predominantemente heróica das suas personagens e dos seus episódios. António d'Eça de Queirós revela assim que a sua idiosincrasia é mais epopéica do que lirica.

CÉSAR DE FRIAS.

A ACCÇÃO BENEMERENTE DA COLÓNIA ISRAELITA UM DISPENSÁRIO INFANTIL

NUMA atmosfera de modéstia e, por isso, quasi desconhecida do público, funciona esta benemerita instituição desde 15 de Novembro de 1923, data em que foi inaugurada num anexo do Albergue Israelita de Lisboa, «Somej Nophlim». Em volta da sua



Uma criança que vai ser pesada.

fundadora, M.^{me} Albert Oulman, e sob a sua presidência, formou-se um grupo de distintas senhoras pertencentes à colónia hebráica na nossa capital, que nem um instante tem descurado os serviços do Dispensário e, antes, lhe tem dedicado sempre o

melhor carinho e o maior desvelo.

A direcção clinica d'êste estabelecimento está a cargo do ilustre assistente de Pediatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, Dr. L. de Castro Freire, com a coadjuvação da Dr.^a D. Sara Benoliel. Os serviços de enfermagem executa-os, cumulativamente, a enfermeira do Albergue.

Não obstante a sua origem e a sua gerência de senhoras israelitas—fazem parte da actual direcção a srs.^{as} D. Miriam Levy, D. Sara Seruya, D. Mary Azancot, D. Júlia Seruya e D. Merita Abecassis—as crianças são ali acolhidas sem distinguir raça ou religião.

Além do já citado, criou-se outro núcleo de senhoras subscritoras que adquirem em cada mês um certo número de cartas de consultas e as distribuem pelas criancinhas pobres suas protegidas. Assim difunde-se melhor a assistência prestada pelo Dispensário e obtém-se um acréscimo de receitas para engrossar os seus recursos.

Converter-se num importante centro de puericultura e de profilaxia anti-infecciosa é o objectivo cardinal do Dispensário. Actua como instrumento de *triage*, mantendo na consulta as crianças susceptíveis de tratamento ambulatorio e enviando as outras para os hospitais e sanatórios, consoante os casos. A sua atenção concentra-se em orientar o desenvolvimento do organismo infantil, tão delicado, e em promover a melhoria das suas regras higiênicas, especialmente no que diz respeito ao regime alimentar. O espirito das mães é, pois, o mais trabalhado campo de acção do proficiente corpo clinico do Dispensário.

Sob o ponto de vista de profilaxia anti-infecciosa, êste Dispensário fornece gratuitamente aos seus pequeninos clientes a vacinação e a revacinação anti-variolica, assim como a vacina contra a tosse convulsa (questão hoje em aturado estudo) e a anti-diférica da anatoxina (Ramon). Êste último método de vacina, que tende a ser universalmente adoptado, obteve o seu primeiro ensaio entre nós exactamente neste Dispensário, com o produto cedido, por grande obsequio, pelo Prof. Loiseau, do Instituto Pasteur de Paris.

As crianças mais necessitadas fornece ainda esta prestimosa instituição os medicamentos e em muitos casos também alimentos de valor terapêutico.

Atinge 315 o número de crianças actualmente inscritas nestas consultas.

Como no nosso país não abundam iniciativas desta alevantada índole, pareceu-nos interessante pôr em saliência, numa página da *Ilustração*, a acção admirável que está desenvolvendo em prol duma humanidade mais sã e mais perfeita o Dispensário Infantil, a que dá principal amparo o dinheiro israelita, dêste modo posto, como se vê, ao serviço de nobres ideais.



Dr.^a D. Sara Benoliel, M.^{me} Albert Oulman, Dr. L. de Castro Freire e a enfermeira do Dispensário.



Um grupo de crianças à porta do Dispensário

Apraz-nos, finalmente, deixar aqui arquivados os nomes das distintas subscritoras desta importante instituição amiga da infância: Condessa do Cartaxo, D. Célia Benoliel, D. Isabel Barbosa, D. Maria antónia Plácido Melo Breyner, D. Maria Berta Castelo Branco, D. Maria de Jesus Gil Beltrão, D. Raquel Bensaúde, D. Cecília Bensaúde, D. Mary Buzaglo, D. Alice Rey Colaço, Condessa de Mafra, D. Fernanda Moreira de Carvalho, D. Lidia Cabeça, D. Fernanda Lopes Carvalho, D. Sofia Abecassis, D. Sofia Azancot, D. Maria Azancot, D. Maria Cancellata de Abreu, D. Helena Abecassis, D. Josefa Belo, D. Amélia da Silva Melo (Cartaxo), etc.

Se o espaço nos não escasseasse completariamos esta relação, em que ficam omissos ainda muitos nomes, assim como lhe adicionaríamos outra de generosos doadores, entre os quais alguns contribuem com óbulos de muitas libras cada.

A sede d'êste Dispensário Infantil é na Travessa do Noronha, n.º 21, onde os espiritos bem-fazejos podem verificar a amplitude dos seus serviços e o escrúpulo humanitário que norteia o seu corpo clinico.



A ELECTRICIDADE E AS PLANTAS

ERA de supor que as correntes de alta frequência, os campos electro-magnéticos, os raios X, as radiações ultra-violetas, a emanação de substâncias radio-activas, todos esses agentes físicos que perturbam a vida animal, exercessem igualmente influência sobre os vegetais. Os animais e as plantas distinguem-se nitidamente nas formas mais perfeitas dos respectivos seres; não nos que pertencem aos graus inferiores das escalas zoológica e botânica. Em última análise são compostos, tanto os de um como os de outro reino, de órgãos microscópicos, as células, constituídos semelhantemente.

Tentou-se, portanto, modificar o desenvolvimento das plantas e, conseqüentemente, o rendimento das colheitas, por acção de aqueles agentes físicos. Particularmente as experiências de electrocultura datam já de alguns anos. Sempre, porém, se fizeram empregando plantas em estado de desenvolvimento, e não submetendo à influência eléctrica as células reprodutoras. Este estudo foi tentado recentemente em Itália por Alberto Pirovano.

As experiências foram realizadas sobre os grãos de pólen, elementos masculinos, e não sobre as células femininas ou ovários, encerradas nos pítilos. Os resultados colhidos, já interessantes para a ciência, fazem prever applicações no sentido de se produzirem novas variedades de frutos e de flores.

Por exemplo, para uma variedade de abóboras conseguiu-se obter, com o tratamento dêctro-magnético do pólen, consideráveis diferenças na forma e tamanho dos frutos e no comprimento do caule; com as dormideiras, modificações da flor; outras de género semelhante com a altea, a lunulária, etc.

A acção electro-magnética revela-se mais nitidamente ainda com o estudo dos híbridos.

Assim, fecundando a dormideira de flor branca com pólen de dormideira de flor escarlate, obtêm-se flores rosadas cujas pétalas são brancas no centro. Se, porém, aquele pólen for submetido à influência eléctrica, se for ionolizado, segundo a expressão de Pirovano, apparecem no híbrido, além das flores rosadas, outras inteiramente brancas. Com uma ionolização mais forte e mantida por mais tempo, desaparece inteiramente das flores o pigmento vermelho.

Experiências do mesmo género foram feitas com abóboras, tomates, milho, girassol e outras plantas. No caso de falsos híbridos, isto é, quando o elemento masculino, por falta de afinidade

xílio do Governo de Itália, da provincia de Novara e de vários industriaes interessados, criou em Belgirato um laboratório especial de electro-genética, segundo as indicações de Alberto Pirovano, a quem confiou a direcção dos estudos. O laboratório foi inaugurado em Junho de 1924, e nêle se estão realizando experiências com vistas de applicação à cultura dos frutos. E outros laboratórios do mesmo género se estão instalando: Em Pistoia, centro importante de culturas frutíferas; em Rovigo, onde o professor Munerati se propõe realizar estudos semelhantes sobre as beterrabas.

Assim o homem vai modificando a natureza, dando vida a seres que Adão não encontrou ao confiar-lhe Deus o Paraíso terrestre.

PELES RARAS

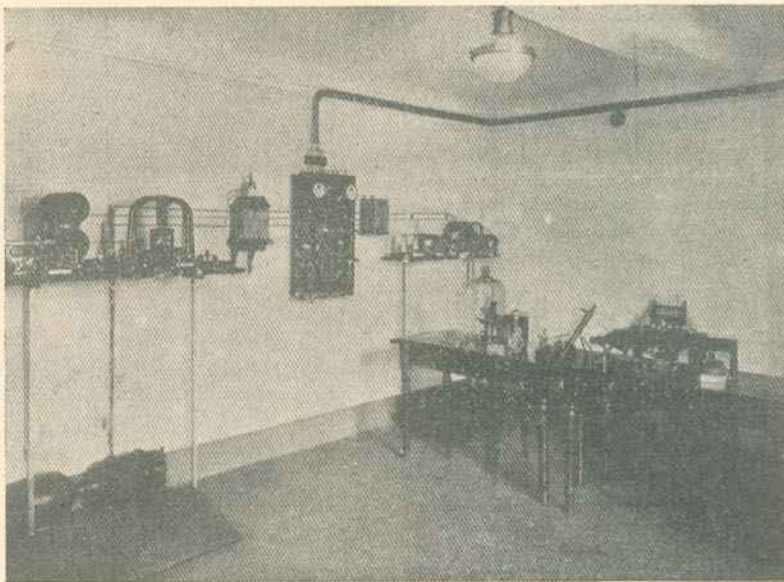
NINGUEM se agasalha hoje com peles de coelho a não ser que estejam batidas com nomes de fantasia, e a vitela do calçado só se permite porque os sapateiros lhes dão a inglesa o nome de «calf». Successivamente foram os homens descobrindo o mundo e fazendo provisão de peles raras, até que, tendo imolado mamíferos sem conta, deitaram suas vistas para outras espécies

animais. Estão agora em moda as peles dos reptis: os grandes lagartos, os crocodilos, as serpentes.

São necessários cuidados de preparação: As peles de crocodilo salgam-se, com sal tão puro quanto possível, e as de serpentes e lagartos secam-se à sombra numa corrente de ar. Com elas se fazem malas, sacos para senhoras, carteiras, cigarradeiras, calçado, guarnições de chapéus e de vestidos de senhoras, etc., tudo de elevado preço, mas, ao que se afirma muitíssimo distinto.

Eva, vingando-se da serpente que a enganou no Éden, usa-lhe agora a pele como ornato.

F. MIRA.



O laboratório electro-genético de Belgirato

para o elemento feminino, não se une a ê-te mas apenas estimula o desenvolvimento do óvulo, a inólise pode transformar êsse falso híbrido em verdadeiro. Assim obtêm-se plantas menos dêbeis, crescendo regularmente e produzindo frutos onde reúnem os caracteres das duas variedades conjugadas.

Êstes estudos revelam-nos novos processos para obter a hibridação de variedades que normalmente se não consegue, modificações na constituição dos híbridos relativamente aos caracteres que herdram das duas variedades de que descendem, e produção de novas formas.

Prevendo o seu alcance prático relativamente à fructicultura, o sindicato respectivo, com o au-

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 3)

IV

O ENCONTRO

DEPOIS de voltar à cadeia, caiu Hester Prynne em tal estado de excitação nervosa que foi preciso vigiá-la constantemente, com receio de que atentasse contra a sua vida, ou fizesse, por desvairamento, algum mal à pobre criança. Ao aproximar-se a noite, reconhecendo não poder dominar a insubordinação da presa, nem com reprimendas nem com ameaças de castigo, Mestre Brackett, o carcereiro, julgou conveniente trazer um médico. Descreveu-o como homem hábil em tôdas as formas cristãs da ciência médica, e não menos conhecedor de quanto os selvagens podiam ensinar das ervas e raízes medicinais que cresciam nas florestas. Em verdade havia grande precisão de assistência clínica, não só para a própria Hester, mas ainda mais urgente para a criança—que, derivando o sustento do seio materno, parecia nêlle ter bebido tôda a inquietação, tôda a angústia, todo o desespero que agitava a mãe. Estava agora a torcer-se em convulsões de dor; seu corpinho era expressiva imagem da agonia moral que Hester Prynne tinha sofrido durante todo aquele dia.

Seguindo de perto o carcereiro, entrou no sombrio compartimento aquele individuo, de aspecto singular, cuja presença na multidão tão profundamente havia interessado a portadora da letra encarnada. Fôra alojado na cadeia, não por suspeito de qualquer delito, mas por terem entendido que era esta a maneira mais própria e cômoda de o guardar, até que os juizes conferenciassem com os emissários índios acêrca do seu resgate. Seu nome declarara êle ser Roger Chillingworth. O carcereiro, depois de o introduzir no quarto, deixou-se ficar um momento, maravilhado do relativo sossego que se seguira à sua entrada, pois Hester Prynne ficara logo quieta como a morte, embora a criança continuasse a gritar.

—Peço-vos, amigo,—disse o médico—que me deixeis só com minha doente. Eu vos prometo, bom carcereiro, que em breve tereis sossego em vossa casa; e também vos prometo que a senhora Prynne se há-de mostrar d'ora-avante mais submissa à justa autoridade, do que até aqui a tendes achado.

—Bem, se Vossa Mercê conseguir isso—respondeu Mestre Brackett—direi que é deveras um homem de arte! Em verdade, a mulher tem estado como possessa, e pouco faltou que eu não tomasse sobre mim correr dela o Diabo à vergastada.

O estranho tinha entrado no quarto com a serenidade característica da profissão a que dizia pertencer. Nem houve mudança na sua atitude quando a saída do carcereiro o deixou frente a frente com a mulher, que na atenção absorta com que o olhara ao vê-lo entre a multidão, tinha denotado haver entre os dois tão estreitos vínculos. Seus primeiros cuidados dispensou-os êle à criança, cujos gritos, e as convulsões em que se estorcia sobre o catre, tornavam de certo absolutamente necessário deixar tudo mais para depois de a acalmar. Examinou a criança cuidadosamente, e logo passou a abrir um estôjo de couro, que tirou de baixo da veste. Parecia conter preparações medicinais, uma das quais êle dissolveu num copo de água.

—Meus antigos estudos de alquimia—observou—e a minha estada, vai para mais de um ano, entre um povo bem versado nas propriedades salutareas dos simples, me fizeram melhor fisico do que muitos que tem o grau. Tomai, mulher! A criança é vossa—nada tem de meu—, nem reconhecerá minha voz ou rosto como de pai. Dá-lhe, pois, êste remédio com tua própria mão.

Hester repeliu o remédio, olhando de face, com acentuada apreensão, o homem que lho oferecia.

—¿Quererás vingar-te na pobre inocente?—murmurou ela.

—Nêscia!—respondeu o médico, num tom em parte de frieza, em parte de acalmação.—¿De que me serviria a mim fazer mal a essa infeliz criança que deve a existência ao pecado? O remédio é excelente, e se fôsse minha filha—sim, minha como tua!—melhor não teria eu para lhe dar.

Como ella ainda hesitasse, no estado de perturbação em que se encontrava, tomou êle a criança nos braços e deu-lhe o remédio. Não tardou êste a mostrar-se eficaz, corroborando a afirmação do fisico. Abrandaram os gritos da pequenina; as voltas convulsivas que dava, fo-

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

ram gradualmente cessando, e em poucos momentos, como costuma acontecer às criancinhas depois que cessam de sentir uma dor, caiu num sono benéfico e profundo. Então o médico, como tinha bom direito a que se lhe chamasse, prestou atenção à mãe. Observando-a serena e cuidadosamente, tomou-lhe o pulso, olhou-lhe para os olhos—um olhar que a fez estremecer, e esfriar-lhe o coração, tão familiar êle era, e contudo tão estranho e frio—e, por fim, satisfeito do resultado do exame, começou a preparar outro remédio.

—Não conheço leites nem nepentes—observou—mas aprendi nas florestas muitos segredos novos, e aqui está um dêles—uma receita que me ensinou um índio, em paga de algumas lições minhas, tão velhas como Paracelso. Bebe! Será talvez menos calmante que uma consciência sem pecado. Essa não te posso eu dar. Mas calmará as ondas da tua paixão, como o azeite as ondas de um mar tempestuoso.

Apresentou o copo a Hester; esta o recebeu lançando-lhe ao rosto um olhar fito e demorado: não bem um olhar de temor, porém cheio de dúvida e de interrogação sobre seus possíveis intentos. Olhou também para a criança adormecida.

—Já pensei na morte—disse ella—e a desejei—até rezaria a pedi-la, se alguém tal como eu pudesse pedir a Deus alguma cousa. Mas, se neste copo estiver a morte, peço-te que relictas, antes de mo veres beber. Vê! já o tenho à bôca.

—Bebe—respondeu êle, sempre com a mesma fria compostura.—¿Tão mal me conheces, Hester Prynne? ¿Costumam ser tão nêscios meus propósitos? Mesmo que eu imagine um plano de vingança ¿que melhor cousa poderei eu fazer para meu intento que deixar-te viver—que dar-te remédios contra todo o mal e perigo de vida—para que esta vergonha ardente continue a chamejar sobre teu seio?—E, ao dizê-lo, pôs seu longo dedo indicador sobre a letra encarnada, que imediatamente pareceu queimar o peito de Hester, como se estivesse em brasa. Notou êle o involuntário gesto, e sorriu.—Vive, pois, e traze a tua sentença sempre contigo, diante dos olhos dos homens e das mulheres—dos olhos daquele a quem chamaste teu marido—dos olhos daquela criança! E, para que possas viver, bebe êste remédio.

Sem mais observação nem demora, Hester Prynne esvaziou o copo e, obedecendo a um movimento do homem de arte, sentou-se sobre a cama onde dormia a criança; elle puxou uma cadeira, a única que ali havia, e sentou-se ao lado dela. Dêstes preparativos não podia Hester Prynne deixar de tremer—pois sentia que elle—tendo acabado de praticar tudo que a compaixão, ou os princípios, ou por ventura uma crueldade requintada, o impelira a fazer, para alívio dos sofrimentos—ia agora falar-lhe como o homem a quem ella infligira a mais profunda e irreparável das injúrias.

—Hester—disse elle—não pergunto porquê nem como caíste no abismo, ou, para melhor dizer, subiste ao pedestal de infâmia em que te vim encontrar. A razão não tem muito que esquadriñar. Foi a minha estulticia e a tua fragilidade. Como é que eu, homem de pensamento, rato de grandes bibliotecas, homem já no declinar da vida—que tinha despendido os meus melhores anos em alimentar o faminto sonho da sciência—me poderia aliar com juventude e beleza como as tuas? Disforme desde que nasci e como pude eu iludir-me com a idea de que os dotes intellectuais podiam esconder os defectos fisicos a ponto de prenderem, a pesar dêstes, a inclinação de uma donzela? Chamam-me os homens sábio. Se os sábios o foram de veras naquilo que mais de perto lhes interessa, pudera eu ter previsto tudo que succedeu. Pudera eu ter sabido que, ao sair da enorme e triste floresta e entrar nesta colônia de cristãos, a primeira coisa que teria que ver, serias tu, Hester Prynne, de pé, estátua de ignominia, em frente de todo o povo. Ou antes: desde o mesmo instante em que, recém-casados, desceamos juntos os degraus da velha igreja, pudera eu ter visto o fogo sinistro dessa letra encarnada a chamejar ao termo do nosso caminho!

—Bem sabes—disse Hester, pois, succumbida como estava, não pôde suportar esta última e súbita punhalada no sinal da sua infâmia—bem sabes que fui contigo franca. Não sentia amor, nem fingi que o sentia.

—Certo, sim—respondeu elle;—foi a minha estulticia! Mas até aquella época da minha vida, eu tinha vivido em vão. Como o mundo tinha sido triste para mim! Meu coração era casa bastante para albergar muitos hóspedes, mas abandonada e fria, e sem lume na lareira. Ansiava eu por acendê-lo! Não me pareceu que fôsse sonho por demais presunçoso—velho, triste e disforme como eu era—vir ainda a ser minha aquella felicidade simples, que por tôdas as partes andá espalhada, para que todos a possam colher. E assim, Hester, te trouxe eu para dentro do meu coração, para sua câmara mais secreta, e te pretendi aquecer com o calor que tua presença ali fazia!

—Grande foi a injúria que te fiz—murmurou Hester.

—Há entre nós mútua injúria—respondeu elle.—A primeira fi-la eu, quando trai tua ju-

ventude em botão persuadindo-a a uma aliança falsa e desnatural com a minha velhice. Por isso, como homem que não pensou nem meditou sem proveito, não pretendo vingança de ti, nem tramo nenhum mal que te affija. Entre ti e mim, o fiel da balança não se inclina. Porém, Hester, vive o homem que a ambos nos fez injúria. Quem é esse homem?

—Não mo perguntes!—respondeu Hester Prynne, olhando-o no rosto com firmeza.—Nunca o saberás!

—Nunca, dizes tu?—replicou elle, com um sorriso de intelligência confiada e sinistra.—Nunca o hei de conhecer! Acredita, Hester, há poucas cousas—quer no mundo exterior, quer, até certa profundidade, na esfera invisível do pensamento—poucas cousas que se escondam ao homem que de alma e vontade se dedica ao descobrimento de um mistério. Poderás ocultar o teu segredo dos olhos da multidão curiosa. Poderás escondê-lo, também, dos padres e dos juizes, como hoje mesmo fizeste, quando quiseram arrancar-te o nome do coração, e dar-te companheiro no pedestal em que estavas. Porém eu, entro nesta busca com outros sentidos que os mais não teem. Buscarei esse homem como tenho buscado a verdade nos livros, como tenho buscado ouro na alquimia. Há simpatias que me advertirão da sua presença. Vê-lo hei de tremer. Sentir-me hei estremecer também, de repente e como sem razão. Mais cedo ou mais tarde, esse homem há de ser meu.

Os olhos do enrugado sábio pousavam sobre Hester Prynne com tão intensa chama que ella apertou as mãos sobre o coração, receando que elle desde logo lesse ali o segredo.

—¿Não queres revelar seu nome? Não deixa elle por isso de ser meu—continou o sábio com um olhar de confiança, como se o destino estivesse com elle.—Esse homem não traz letra alguma de infâmia no vestuário, como tu trazes no teu, mas eu hei de vê-la em seu coração. Porém não receies por elle! Não cuides que irei intervir no género de castigo que o Céu lhe quiser dar, ou que irei, com próprio dano, entregá-lo ao braço da justiça humana. Nem te figures que farei qualquer cousa contra sua vida; não, nem contra sua fama, se elle fôr, como creio, homem de boa reputação. Que viva! Que se esconda em honras exteriores, se puder! Nem por isso deixará de ser meu!

—Tuas acções são como a misericórdia—disse Hester, confundida e apavorada; mas as tuas palavras tornam-te um objecto de terror.

—Uma cousa, tu que fôste minha mulher, quero eu que faças—continou o sábio.—Guardaste o segredo do teu amante. Guarda, também, o meu! Ninguém me conhece nesta terra. Não digas a alma viva, nem em segredo, que já me chamaste marido! Aqui, nesta orla bravida do mundo, armarei a minha tenda; pois que, não sendo eu em qualquer outra parte mais que um vagabundo, e achando-me separado dos interesses humanos, aqui há uma mulher, um ho-

mem e uma criança, a quem me ligam estreitos laços. Não importa se são de amor ou de ódio; se são de bem ou de mal. Tu e os teus, Hester Prynne, pertenceis-me. O meu lugar é onde tu estiveres e onde elle estiver. Porém não me traias!

—Porque o queres tu assim?—inquiriu Hester recuando, sem saber porquê, diante d'esse pacto secreto.—¿Porque não dizes a todos quem és, e desde logo me lanças de ti?

—Talvez seja, respondeu elle—porque não quero incorrer na desonra que macula o marido de uma mulher infiel. Talvez por outras razões. Baste que eu diga: é meu propósito viver e morrer desconhecido. Que teu marido seja, pois, para o mundo como alguém que já morreu e de quem nunca mais há de vir novas. Não mostres reconhecer-me, nem por palavras, nem por sinais, nem pelo olhar! Não murmures este segredo, sobretudo, ao homem que sabes. Se nisto me faltares, tem cautela! Sua fama, sua posição, sua vida, estarão em minhas mãos! Tem cautela!

—Guardarei teu segredo, como guardarei o d'ele—disse Hester.



—Jura-o!—volveu elle.

E ella jurou.

—E agora, senhora Prynne—disse o velho Roger Chillingworth, como passava a nomear-se—vou deixá-te só: só com tua filha e com a letra encarnada! Dize, Hester: ¿tua sentença obriga-te a conservar o sinal enquanto dormires? ¿Não receias pesadelos e visões medonhas?

—Porque me sorris dêsse modo?—perguntou Hester, perturbada com a expressão que lhe via nos olhos.—¿Es tu como o Homem Negro que anda na floresta que há aqui em volta? ¿Este pacto a que me tentaste será a ruina da minha alma?

—Da tua alma, não—respondeu elle, com outro sorriso.—Da tua, não!

(Continúa.)



O aparelho de tomada de vistas tendendo para a perfeição, tende, implicitamente, para se aproximar dos olhos humanos. Os construtores tentaram produzir aparelhos que, sem tripé nem apoio fixo, adquirissem uma grande mobilidade. Tal é o aparelho «Sept» com que se impressionou em «Robin Hood» uma scena de caça com falcões que ficou célebre na cinematografia. A câmara giroscópica inglesa veio tomar um lugar definitivo e foi excedida em perfeição pelo aparelho francês Cameréclair que Marcel L'Herbier comenta da seguinte maneira:

— Todos nós, os devotos do cinema, somos cada vez mais obsecados pela ideia e o desejo de registar todos os movimentos duma figura e não só os seus gestos mas também as suas impressões psicológicas, aquelas que sobem do fundo do seu ser, desenham uma ruga na fronte, brilham no olhar e se extinguem mal nasceram. Com este aparelho poderemos viver em plena acção, seguir sem interrupção o esforço do corredor, penetrar mais profundamente no drama psicológico. O aparelho pode ser manejado por um homem de pouca robustez, visto que o motor eléctrico que o alimenta é leve e o peso do giroscopo é anulado por um sistema automático. Pode adaptar-se ao eixo da frente dum auto ou a um porta-bagagem. Registam-se assim scenas de velocidade e perigo em que um

operador seria fatalmente feito em pedaços, dadas as posições de equilibrio insustentável em que teria de se colocar. Graças a este aparelho, o operador já não abandona o seu assunto, segue-o com uma maleabilidade enorme e os movimentos, as expressões fisionómicas, os pequenos detalhes expressivos e os primeiros planos indispensáveis, são registados sem nenhuma espécie de interrupção brusca ou salto.

Assim define o talentoso realizador de «Inhumaine» e de «Feu Mathias Pascal» o novo aparelho que resolve o problema da mobilidade absoluta na tomada de vistas cinematográficas.

• • •

Os «Artistas Unidos», a grande organização yankee, tem quatro sócios que trabalham como vedetas e são os luminares máximos da cinematografia. Senão vejamos: Charlie Chaplin (Charlot) que depois do triunfo de «Gold Rush» vai filmar «The Circus», super-produção cômica; Douglas Fairbanks que depois de «Don Q. Zorro's Son» acabou «The Black Pirate»; Mary Pickford que depois de «The Little Anita Rooney» filma «Scraps» e por fim D. W. Griffith que vai dirigir Jannings num assombroso filme cujo assunto é segredo dos Deuses.



A MODA NO CINEMA: Pachel Devry, a encantadora vedeta francesa, exhibe este conjunto de rara elegância em «Montecarlo» de L. Mercanton



Uma bacanal «última moda» na produção austriaca «Potemkins» cuja vedeta é o francês Jean Angelo acompanhado de Vilma Banky



Dorothy Mackaill uma «beautie» desconhecida em Portugal e estrêla dos elencos de Edwin Carewa, o grande encenador da «Selznick» e da «First National».



Colleen Moore, uma das «coquettes» mais justamente apreciadas dos publicos Jankes que foi estrela na «Fox» mas voltou à «First National» onde debutara



Arlette Marchal a deliciosa actriz francesa, depois de triunfar na sua patria, produziu na Alemanha «Amantes de Veneza» um mimo cinematografico sendo em seguida «raptada» pelos americanos.



Na produção de «Metro Goldwyn» intitulada «Dance Madonnas» a linda Claire Windsor, uma das louras mais fotogénicas, apparece-nos pela primeira vez com corte de cabelo «garçonnes».

ILUSTRAÇÃO

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 3.º número)

C	A	L				
A	V	E				
L	E	I	T	O		
		T	E	U		
		O	U	T	R	O
			R	O	L	
			O	L	E	

• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

O	O	O	O	O
O	N	N	S	S
V	H	H	P	P
I	I	I	L	L
A	A	A	A	E

Definições:

Pedra preciosa que dá infelicidade.—Dama de companhia.—Regulamento.—Pronome pessoal.—Fantasia da imaginação.—Exclamação inglesa.—Branco é, galinha o põe.—Entra em todos os concursos hípicas.—Um doce.—Laços.

• • •

A IDADE DA MULHER

O Juiz (para a testemunha):—Casada?

A testemunha:—Sim, senhor, duas vezes.

O Juiz:—Idade?

A testemunha:—Vinte e seis anos.

O Juiz (baixo, para o escrivão):—Também duas vezes.

• • •

IMITAÇÃO APENAS

O tio:—Gostas muito de estar assim a cavalo no meu joelho, a fingir que vais de burrinho?

A sobrinha:—Não; eu já andei num burro verdadeiro!

JÓGO FÁCIL DE DAMAS

(Passatempo)

Noventa e nove pessoas em cada cem costumam dizer que sabem jogar as damas, o que geralmente significa que conhecem os movimentos simples do jogo e pouco mais. Para prova basta apresentar-lhes esta simples disposição de pedras indicada na gravura.

O jogador experiente sorri e dá a solução imediatamente, mas é divertido ver a confusão do principiante.

E no entanto, qualquer principiante, prestando bastante atenção, devia achar a solução exacta em pouco tempo.

PRETAS — 4 PEDRAS

BRANCAS — 4 PEDRAS

São as brancas a jogar e a ganhar.

• • •

HISTÓRIA ANTIGA

Senhora de idade incerta (para «enfant terrible»):—E quantos anos tem?

«Enfant terrible»:—Nové. Quantos anos tem a senhora?

Senhora de idade incerta:—Ai! não me lembro em que ano nasci.

«Enfant terrible»:—Então, diga-me em que século foi.

• • •

— Sim, ele é poeta, ou antes, era, mas ultimamente retirou-se para a obscuridade com uma bela fortuninha de trezentos contos.

— Com a breca! como arranjou ele isso tudo só da poesia?

— Ora, devido a trabalho, economia, uma sorte enorme e a morte de um tio que lhe deixou duzentos e noventa e cinco contos.



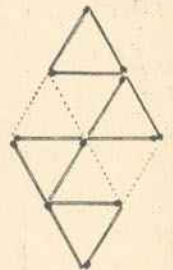
Onde estará o ladrão que me tem roubado os cigarros?

• • •

PACIÊNCIA COM FÓSFOROS

(Solução)

Tirando os quatro fósforos indicados pelas linhas ponteadas, os restantes formam quatro triângulos iguais.



• • •

A RECORDAÇÃO

O Rodrigues:—Eu fui um grande amigo de seu falecido marido. Terá V. Ex.º qualquer pequeno objecto que me pudesse dar como recordação dê-le?

A viúva (docemente):—Só me tenho a mim.



Ester:—Contaste ás outras raparigas, no baile de terça feira, o segredo que eu te confiei a ti e á Maria?
Alice:—Não, Ester, dou-te a minha palavra que não contei. A Maria chegou lá primeiro.

Página Infantil

As duas bisbilhoteiras e o golosso Joli.



I.—A tia Eufrasia que vinha de comprar leite, encontrou-se com a D. Pulqueria que ia ao mercado



II.—Tinham muito que conversar e o «Joli» que vinha atrás foi logo cheirar o leite que trazia a tia Eufrasia



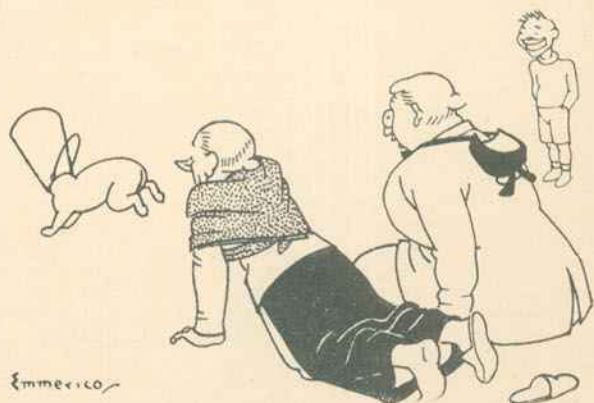
III.—E enquanto as duas velhas bisbilhotavam, o «Joli» ia-se regalando com o leite



IV.—E tanto falaram as velhas que o «Joli» teve tempo de beber o leite todo sem que elas dessem por isso



V.—Mas como enfiou a cabeça pela lata, não a pôde de lá tirar e as velhas ao vê-lo assim apanharam um grande susto



VI.—Conclusão: não percas o teu tempo a falar do próximo, nem vás bolir no que te não pertence

Emmecco

REMÉDIO DA BOA-HORA

NA Vila de Oiteiranda e seu termo penhascoso exercia o médico Faleno o ofício de tratar do mal alheio.

Sagaz e recolhido de pensamento, cêdo tateou o sortilégio intrometido na cura das enfermidades que apouquentam a singular espécie «homo sapiens». Saboreador de leituras e ainda mais da vagabundagem mental, não só tornava o ócio produtivo de abundante contraveneno para o tédio provinciano, como de salutareos conceitos profissionais.

Depois de bem meter à prova as bulhentas invenções da sabichagem, foi entendendo que poucas eram as pedras decisivas no jôgo da moléstia, sempre à mercê da artimanha do dedo posto a movê-las. Assim se convenceu de que dentro do bom médico se esconde um hábil feiticeiro.

Arredio de locutórios, por indole eremitava no casulo sem confortos, ao arbítrio da criada bronca, silenciosa, de sábio paladar, macia de pele, ramo completo de virtudes femininas.

Com os importunos rabujava, sacudia os medrosos à força de grito e gesto:

— Não tem vergonha de aparecer queixoso por uma ninharia?

— Senhor doutor, farto-me de padecer.

— Cale-se! Sabe lá o que é uma doença em termos, merecedora de trato? Ora o vaidoso! Convencido de que trazia no corpo uma grande coisa!

Tal a maneira de dizer que saíam encavacados. «Telhudo é, esse diabo do Faleno, mas uma pessoa com êle ganha coragem.»

Dessa especial maneira lhe medrou fama de bom curador, ruim de amansar quando lhe estorvassem o geito, pois tudo havia de ser como mandava e na hora conveniente. Não atentassem de noite sem razão máxima contra a quietude beata do seu sono. Atribuíam-lhe uma tendenciosa sentença: «Um homem a dormir nunca fez mal a ninguém. Acordá-lo pode ser um crime».

Por negligência ficou em Oiteiranda, descuidoso da fortuna, da nomeada, contente na mingua de bens. Inaceitável à cobiça haviam de rogá-lo para mover-se, e, breve de falas, tomariam em conta as poucas saídas da sua bôca.

À Joaquina se perguntava:

— O doutor está de marê?

Ela arroganhava a venta? Sinal de que ouvida a queixa apanhariam a receita escrita e ponto na conversa.

Ah! mas que receita! Um milagre em três linhas, proveniente do mistério daquele gênio fechado e do receio de ofender a divina e oculta sabedoria.

Grandes e pequenos se sujeitavam à medida de concisas ordenações, ou impaciências de trato. Os nobres lhe admiravam a qualidade de superior inteligência, os rústicos louvavam a coisa desconhecida, enorme por impossível de entender.

A filha única da casa das Quintans, absorvente de mimalhas, na idade própria se maridou com o moço bacharel, cativo da rara prenda, e no tempo que a lei manda se carregou de fruto.

Bem se conduziu a dona até ao termo, queixosa do seu volume, afiançada pelas vistas de Faleno:

— Tudo vai pelo seu natural.

Ela apiegava.

— Cresce tanto! Deve custar muito.

— O serviço não pode ser feito por cêtadas.

A hora chegou. Faleno palpa, assegura-se e diz:

— O melhor possível. Avenha-se com o resto.

A temores não deu atenção; remédio para as dôres, aguentá-las; a duração contava-se no fim, quando terminasse o labor. Mais lhe não arrancaram.

Com a regular demora se ocuparam as linguas da Vila à espera da novidade, repetindo o bom prognóstico de Faleno.

O dia findára e a noite decorria penosa nas Quintans, sem se prevêr quando aliviaria aquela pomba, desastuinada em seu sofrer:

— Não quero mais! Não quero tê-lo!

Era um horror semelhante imprecação. Família e servos apertavam a cabeça em desvaio.

O marido letrado, suspeito dos prodigiosos recursos da sciência bradava:

— Pode compreender-se que não exista meio de atenuar tamanho sofrimento? Êste Faleno é um bruto.

E corajoso partiu a procurá-lo:

— Doutor, está esgotada, declara que não consente mais.

— Concordo. Tome sôbre si o que falta da empreitada.

Faleno respondia da janela, sem ver na escuridão o homem, logo desampurado de forças para seguir disputa.

O vento janeirinho cortava a cara, e o médico teve pressa de recolher-se a prosseguir na leitura do livro chegado pelo correio.

A Joaquina de pés na braseira, a pontear meias, descançou num comentário:

— Assim lhe sucedesse com tôdas as vontadinhas que menos custosa seria de aturar.

Faleno avivou o calor, colheu-o nas mãos e sumiu-se nas profundezas da página interrompida.

No melhor do seu encanto repete-se na rua a clamação. Uma criada da aferção de Joaquina, metia empenho por um remédio que facilitasse... Endoidecia-se nas Quintans com os despropósitos da menina. Mandava que todos chorassem e se atlissem. Se o doutor lá fôsse e a socagasse...

— Não!

De tal modo respondeu que a Joaquina apelou para uma receita «a entrêter».

Faleno aborrecido escreveu: «Fosfato neutro de sódio — dois gramas». Entregou-a à Joaquina:

— Que deite num copo d'água e tome às colheres, de quarto em quarto d'hora.

Ela se aproximou da janela para lançar a prenda mágica. Hesitou ao sôpro do nordeste que longe levaria o papel.

— Avia-te que me pôes o sangue em caramelo.

Joaquina embaraçada movia-se por um lastro.

— Vêa se lha atiro sem pêso.

Então ideou carregá-la de um boloiro de cinza. Prestinho o ageita na palma, aberta, endurece e mete por carção à fôlha enovelada.

Lançando-o abaixo no avental aberto instruiu:

— Que derrêta num quartilho d'água e tome às colheres de quarto em quarto d'hora.

Fez-se o silêncio, amornou o ar, e Faleno gossou em paz o seu autor no resto do serão. Dormiu o voluptuoso sono até horas de o sol matutino derregar nos vidros a crôsta de geada.

Joaquina lhe trouxe a nova com o café:

— Um menino que nem um vitelo. O remédio foi uma graça. Mal o tomou abriu como bueiro de tanque. Sem dôr, nem quesilia para quem assistiu. Bem lhe pudera ter dado o remédio mais cêdo.

— Assim, jumenta como te vejo é que fêe agradas. Livra-te de arranjar melhor compreensão.

Faleno, robusto e saudável, tinha o acordar alegre. Riu, moroso no gaudío, tirando da noticia sabor melhor que das torradas.

— Pois um dia te ensinarei a receita para ter uma boa-hora e serás uma fonte de milagres.

— E eu que lho agradeço.

Faleno acabava de aprontar-se para sair quando a serva das Quintans chegou com a canastrada votiva. Galinhas, vinho fino, marran, dôces, presente de ruidosa acção de graças.

A rapariga explicou:

— O vento era muito e pelo caminho abalou-me o papel do embrulho. Segurei o pó fechado na mão, borquei-o num copo de meia canada assim que cheguei...

Joaquina abria a bôca para asneiar. Faleno susteve-a.

— ... Não havia maneira de derreter. Fazia uma bôra como cinza. Deu-se-lhe a primeira colher. Nem visto! Mal lhe chegou as tripas foi o desandar de uma torneira: o inocentinho a berrar, e todos perderam o tino de alegres. Os senhores e as senhoras era só dizerem: «Que grande médico, que fortuna para Oiteiranda!» Inda houve quem reparasse: «Porque não deu a receita mais cêdo?» Está bom de entender que também é preciso esperar a própria da hora, pois não é assim? Apesar da nossa brutidade, há coisas que se metem pelos olhos. E todos depois concordaram: «Um remédio guardado em casa, sem o meter nas boticas, é segredo que a ninguém descobre».

Faleno saciava-se de admirar os próprios talentos. A Joaquina, tinha a cara altila, reveladora de grave tumulto nos miolos.

Galada arrumou a oferta e quando à vontade pôde exalar o assombro, apenas conseguiu bufar:

— Uma passagem destas...

Faleno exortou-a:

— Ignoravas que a cinza oculta em si um grave mistério? Esqueces a cerimónia da Igreja em quarta-feira depois do Entrudo...

Foi uma luz:

— Agora, agora. Êste mundo é uma poeira que a gente não vê.

— Que descobriste?

— Passamos pelas coisas como o burro por arca cheia de milho. Não lhe mostrem o que tem dentro... A cinza ser remédio para alcançar uma boa-hora! Adivinhe, quem for capaz.

— Mas com esta condição: Livra-te de dar à lingua ou explicar que a cinza é cinza. Se o fizeres a virtude abala como o fumo.

Joaquina abriu a bôca donde não conseguiu tirar a grande palavra que daria a medida do seu espanto.

Divulgada a maravilha de longe correram a solicitar Faleno para socorrer outras padecentes.

— Por acaso à Joaquina pertence a invenção do feliz remédio. Entendei-vos com ela.

Melhor fama o acolheu, por longe propagada: «Desprendido de bens como um santo verdadeiro».

Vendendo a receita, Joaquina se acreditou mestra parteira de Oiteiranda. Rogada, apaijada, astuto moço descobriu nela bom encôso para remançar na vida. Falou-lhe, casaram.

Má hora a de Faleno ao vê-la partir, quando houve de experimentar as vicissitudes do sábio vítima da própria descoberta.

A CRISE UNIVERSAL DO TEATRO

Se alongarmos os olhos por essa Europa-além, onde o teatro é mais do que uma indústria e um prazer venal, por ser uma fonte viva e um expoente de génio criador, um grito de alarme se ouve a miúdo rufado na pele tensa dos periódicos ou clamado nos tabladros de praça pública, de feição a perturbar um pouco as digestões de M. Prud'homme, se é que a baixa das cotações e o giro do polícia da sua rua não constituem, como entre nós, para M. Prud'homme a sua preocupação exclusiva no sistema combinado da legítima defesa e da defesa da ordem de coisas estabelecida.

E que, em verdade, por essa Europa-além, o teatro está em crise.

A pátria do teatro moderno, por excelência, a doce e pulida França, consigna presentemente, num mal-estar e num azedume evidentes, a esterilidade dos fecundos nateiros que, por três séculos contados, tem alimentado constantemente a vis dramática ou bufona dos seus autores e comediantes.

Baldadamente F. Gémier e Matfeï Roussou por obras e por palavras tem apelado para a criação dum teatro popular nacional. Libertando-se de vez da sédica comédia vaudevillesca, francamente caída em desgraça, e rasgando novos caminhos e novos horizontes ao génio dramático francês.

Todas ou quasi todas as scenas de vanguarda que uns momentos pareceram anunciar a almejada aurora, tais o «*Vieux-Colombier*», a «*Comédie des Champs Elysées*», o «*L'Atelier*» e outros, foram, uma após outra, abandonadas do favor público, rebentando como bexigas furadas.

Dos novos que tinham surgido com as mãos cheias de promessas, Lenormand, J. Surment, J. J. Bernard, H. Ghéon, B. Zimmer, Achard, P. Raynal, tantos mais, nenhum logrou ainda uma dessas retumbantes consagrações ou uma dessas noites de batalha à «*Hernani*», que definitivamente guindam às alturas de chefe de escola ou de condutor de gerações. Considerados *des jeunes*, como *des jeunes* são acolhidos, amados, escutados com simpatia... mas como *des jeunes* passam. Decerto Sacha Guitry, sulcando o trilho eternamente moço e florido que Marivaux e Musset como grandes senhores pisaram, consegue por vezes belos triunfos, honradamente merecidos; mas por tratar-se justamente duma tradição com suas tintas já seculares, não abre de facto novos caminhos nem impõe cânones novos na arte dramática nacional. E apenas um velho canto de jardim, remocado por um jardineiro de bom gosto e bafejado por uma lufada pagã de primavera que tomou o nome cristão de Yvonne.

E atônito, sorumbático, rendido, o chauvinismo francês, vê-se reduzido a aclamar sucessivamente o jogrossco italiano Pirandello, o sardónico irlandês Bernard Shaw, a sombria dinamarquesa Karen Bramson, e a ver desfilhar triunfalmente perante os olhos um pouco turvos a teoria estranha de *puçetas* que durante cerca dum ano os bárbaros lhe foram à compita. despaçando em cuixotes, das várias partes do mundo: *La Vierge au grand coeur* de Porché, representada por M.^{lle} Simone na «*Renaissance*»; a «*Sainte Jeanne*» do irlandês Shaw, levada no

«*Theatre des Arts*» por Ludmilla Pitoëff e seu marido Georges Pitoëff que são russos; e, cúmulo de *cock-tail* cosmopolita, uma *Jehanne d'Arc* de M.^{lle} Mercedes da Acosta, americana do Sul descendente de mexicanos, interpretada pela dinamarquesa Eva le Gallène, actriz em Nova York, e dirigida e encenada pelos métodos cubístico-rembrandtescos dum oriental, meio-sangue d'anglo-saxão, o sr. Normann Bel Geddes.

.....
Et Jehanne la bonne lorraine
Qu'Anglais brûlèrent à Rouen
Ou est-elle, Vierge souveraine?
Mais où sont les neiges d'antan?

Nas outras scenas, nos palcos oficiais, nos teatros de boulevard, para uso de estrangeiros e dos rebanhos da Cook, são ainda o Bataille, o Rostand, Curel, Robert de Flers, Tristan Bernard, Porto-Riche, todos os da velha guarda, de gôrra com os hediondos Merès e Frondaies que hoje pontificam de capelo e borla naquela dramaturgia de marreta e alçapão, tão grata a Sardou e ao semita Bernstein, de veneravel memória. Pálidamente, com um sorriso murcho, vem o jornalista Lubech, em fecho de inquerito, explicar às massas que não vão de facto propícios os tempos para a produção dramática.

Se os homens que hoje pensam, escrevem e vivem em França são sensivelmente os mesmos de antes da guerra, os tempos é que mudaram.

O sentimento da desordem e da intranquilidade públicas aumenta assustadoramente, e nunca as brilhantes épocas literárias ou, pelo menos, os bons períodos de produção literária, coincidiram com as épocas convulsas de revolução política ou económica. E o que é necessário—conclue baixinho—é que os moços escritores a quem o fulgor dos ribaltes atrae, não malbaratem na confusão e na desordem, com os melhores anos da sua vida, os seus dotes magníficos.

Este é o balanço das novíssimas gerações gaulizas e do seu *apport* de talento e de beleza ao movimento restaurador esboçado além Pirineus.

E além da França? Que novos panoramas se rasgam aos nossos olhos sófregos de futuro e de inéditismo? Que novas alquimias se tem elaborado nos subterrâneos do espirito que desabrochem à luz em maravilhas?

Passando em julgado Pirandello e Bernard Shaw que representam forças individuais, esporadicamente geradas nos respectivos países de origem sem que constituam fechos d'abobada d'escolas novas de dramaturgia com seu caracter nacional, como *verbi gratia* o foram no seu tempo o divino William, Calderon e T. de Molina, Racine, Molière e Corneille, Schiller e Goethe, Hugo e Vigny, Ibsen e Bjørnson, não se logra neste dealbar duma nova Idade, enxergar à vista desarmada, por toda essa rumorosa Europa, vulto de gigante que tenha descido o Sinai e venha, profético e terrível, ditar as tábuas novas da lei às gentes submissas e crédulas.

As turbas dansam demagogicamente as suas dansas frenéticas em volta do bezerro d'ouro, como outrora no caminho de Canaan. O jazz e o cinema, vazios de sentido e de vida interior, bastam grosseiramente à sensibilidade de epidemie das multidões semi-barbaras dos nossos dias. As leis eternas da beleza e da harmonia na pintura, como na música, como na poesia, ameaçam derrocada total pela invasão dos exotismos estridentes duma humanidade inferior. Um crepúsculo enombra as regiões apolíneas do espirito. E não se sabe se é Dionisios irritado que soltou as corais orgiicas do seu séquito para semearem um novo terror no mundo, precursor duma ressurreição, se é Dionisios deposto que não sabe já governar o pandemónio convulso duma civilização suicida.

Na Imperial Alemanha, pátria de dramaturgos e detentora da corôa e da tripode no recente certamen das Artes Decorativas, um critico eminente, considerado em Berlim o *único critico dramático depois de Lessing*, expendeu há dias

em Paris algumas rápidas opiniões sobre a dramaturgia alemã do após-guerra, que tem o valor dum veredicto.

Do alto duma tribuna da Sorbonne, perante um público subtil e suspicaz, perorou durante uma hora o eminente Alfredo Kerr; e lisongeando Paris decerto, com os madrigais que endereçou a Paris, deixou no entanto uma penosa impressão acérra do que neste capitulo se passa além do Reno.

«O teatro alemão do após-guerra» era o tema da conferência. Súmula profunda não só do actual estado da arte dramática, mas da crise psicológica duma geração inteira, a conferência não foi um acto de fé, foi antes um depoimento pessimista, negativista, derrotista, para nos exprimirmos à moderna.

«O moderno teatro alemão—disse Alfredo Kerr—é também uma das marcas das consequências destrutivas da grande guerra». Em reforço desta afirmação caiu depois a fundo sobre o que chamou as «*enfermidades do teatro alemão*».

«Um dos traços dominantes do teatro d'após-guerra é o gosto do escabroso: deboche, incêsto, parricidio, todos os meios são óptimos para vergastar os nervos do grande público. Uma Arte de Apocalipse, um pandemónio de veledades dolorosas, eis a síntese da dramaturgia das modernas gerações. A morfina e a cocaína foram também instilados nas veias e nos nervos do demiurgo teatral, para criarem os terríveis *paraísos artificiais* em que unicamente se comprazem as platéas modernas.

«Entre o teatro alemão de hoje e o teatro moderno francês não há nenhuma espécie de analogia. Em França a forma persiste; na Alemanha dissolveu-se. Em França, pesquisa filosófica e psicológica subtilmente desenhada; na Alemanha, acção mental de grande feito...»

«Encontramo-nos, na Alemanha, numa sala de espera, entre dois comboios. Um já partiu. O outro quando chegará?»

E depois de haver afirmado que o teatro francês da vanguarda era ignorado *lá-bas* e que apenas o teatro de «*boulevard*» era lá gostado com grande êxito, confessou a necessidade dum teatro educador, um teatro de nobres linhas e puras intencões, que reintegrassem a moderna Alemanha na sua tradição goethéana.

Quere-se quadro mais desolador? Confissão mais aberta duma crise que é, mais do que uma crise de teatro, uma crise universal de mentalidade?

O teatro é, tanto como qualquer outro fenómeno de ordem colectiva, um fenómeno nimaente social.

Seja qual for a latitude e o grau de cultura, há sempre a considerar no fenómeno teatral estes dois elementos essenciais: o comércio, ou seja o favor do público, e a literatura, ou seja o grau do pensamento e do estilo. Tudo isto está intimamente ligado. Quando o acôrdo entre ambos é absoluto, vai tudo às mil maravilhas; quando o desacôrdo é manifesto, a crise do teatro declara-se e, das duas uma: ou o dramaturgo se rebaixa industrialmente até ao nível das multidões, produzindo uma fanecaria ignóbil, ou o dramaturgo continúa declamando aos peixes e às hervinhas, e as multidões voltando-lhe as costas vão reboçar-se no cinema, no jazz e nas *atletanas* grosseiras da Suburra, com a mesma mentalidade que outrora fazia gritar:

«*Pamem et circenses!*»

A crise profunda do teatro em nossos dias reflecte pois uma mentalidade demagogica e desvariada que talvez deva alarmar um pouco mais o mal-avisado burguez, occupado apenas com a alta das suas inscrições e o giro do polícia da sua rua.

Deixamos a Mr. Prud'homme a solução do problema.

CARLOS SELVAGEM.



Yvonne Printemps e Sacha Guitry



A
MODA

Nice, a estação de inverno *chic* por excelência, acolhe neste momento uma *élite* requintada de elegâncias acorridas das primeiras cidades do mundo. Ali, sob aquele céu privilegiado, apresentam-se já as modas precursoras da primavera, imaginadas pelas grandes modistas para essa quadra luminosa e florida do ano. Os três modelos que apresentamos nesta página, surpreendidos na mágica *côte d'azur*, marcam uma impressionante graciosidade da linha traçada sob as indicações da última moda. O primeiro modelo é de Kasha em cor natural guarnecido com soutaches de seda. Em baixo, à esquerda, vemos



EM
NICE

uma juvenil toilette de Kashmir branca guarnecida com viezes de veludo violeta. A direita depara-se nos um gracioso modelo composto com uma saia inteiramente *plissée* de sarja branca fina, com a qual se veste uma blusa moderna de crepe da China, também branco, e sobre esta um gracioso *Junper* de tecido de lã branca, sarja, pano, *reps* ou qualquer outro, completamente recobertos com bordados de sedas de várias cores, a formar desenhos em gênero oriental. Nas tardes frias, completa-se a toilette com um *manteau* de veludo bege guarnecido na ampla gola e nos punhos com pele de raposa cinzenta ou *argentée*.



ADORNOS LINDOS

É de todos os tempos a garri-
dice feminina. Desde
as eras mais recuadas
no fundo poalheiro do Passado,
até a actualidade deste pre-
sente atontado de nevroses es-
tranhas, ânsias imprecisas e
requintes inéditos, a mulher
buscou sempre criar a sua
volta um ambiente de luxo,
mais ou menos convencional,
mas sempre propício à satis-
fação da sua aspiração de be-
leza, à sua concepção da ele-
gância, ao recreio dos seus
olhos e do seu espírito.

E assim, vemo-la já na alvo-
rada do progresso medieval
tocando-se, adornando-se, re-
camando-se de sedas e pedra-
rias, pedindo a êsses preciosos
elementos ofertados pela natu-
reza generosa e pelo engenho
humano ao seu coquetismo,
um realce mais vivo para a for-
mosura de que se orgulha.

E de então até hoje, volvidas
séculos sobre séculos, no rolar moroso e con-
stante do tempo, ela persiste debruçada sobre o
espelho, empenhada em tornar mais flagrante a
sua graça, modelando-a com primôres de con-
ceptividade estética e refundidas exigências de
arte.

A toilette exigiu-lhe sempre as máximas
atenções; mas as joias — oh! as joias!... — en-
cantam-na, espargem-lhe na alma estranhos
effluvíos de mórbida cubiça, de insaciáveis ca-
prichos!

E é essa a razão porque ela estaco, embeve-
cida, em frente das vitrines opulentas onde as
pedrarias, recolhidas no reduto velutino dos
escrinios, scintilam radiações luminosas, multi-
côres, a tentá-la, a seduzi-la, a mergulhá-la in-
conscientemente num maravilhoso sonho de
posse, sonho que a realidade, arrancando-lhe
um suspiro dos lábios, apaga instantaneamente
atirando-a do alto do seu efêmero encantamento
sobre o lagado lóbrego dos seus precários recur-
sos financeiros.

Compadecida de tantas e tão ansiadas desilu-
sões que só as poucas acarinhadas da versátil fortuna desconhecem, a indústria, tomando como
modelos as preciosas gemas, os
delicados aljôfres brotados dum
ignoto sofrimento, trabalhou, re-
petiu, imitou, e — oh! maravilha
da inteligência e do esforço hu-
mano! — ante os olhos deslumbrados da mulher, ao alcance da ma-
cieza timidamente cúpida das suas
mãos, principiou correndo uma
vaga suave e fulgente de pedra-
rias que só no valor intrínseco,
que não no fulgor vivaz das suas
radiações luminosas, difere, em
condições de inferioridade, das
suas hierárquicas irmãs: os cris-
tais arrancados ao seio aváro das



Pérolas, muitas pérolas, eis o sonho da elegante moderna

rochas, as lágrimas cristalizadas no âmago das
conchas.

De todos êsses triunfos palpáveis, genialmente
perfeitos, do engenho industrial, o que mais in-
teressou a mulher foi o que se fixou pela imita-
ção das pérolas.

É que elas, as pérolas de fantasia que se nos
deparam hoje tentadoras e fáceis, nos bastos
mercados do mundo europeu, são tão perfeitas,
tão admiravelmente perfeitas, que quasi desva-
lorizaram as verdadeiras, essas que penosa-
mente se rebuscam no fundo misterioso dos
mares e que só o capricho das milionárias re-
colhe no interior dos cofres sumptuosamente
atulhados de riquezas impercíveis.

Liberta da teia impeditiva que a inibia de se
cobrir de pérolas, — o seu adorno favorito, —
a mulher teve finalmente ensejo de adornar a
brancura mate do colo com a brancura miste-
riosamente rosada das pérolas.

Abusou talvez um pouco... A facilidade en-
tonteceu-a velando-lhe, um tudo nada, êsse sen-
timento de exquisita e subtil garriidade, privilégio

ILUSTRAÇÃO JOIAS E ENFEITES

da rara intuição artística fe-
minina, que lhe indica como
condição primordial de elegân-
cia, a aplicação habilidosa de
uma bem estudada sobriedade
para realce de mais seguro
efeito estético, de mais vin-
cada e flagrante distinção.

Que lhe seja perdoado o êrro
em atenção ao louco júbilo que
o patrocinou... E enquanto a
razão e o sentimento artístico,
desanuviado de influências psi-
cológicas, não voltar a reger o
equilíbrio da toilette, aceíte-
mos a moda que espalha pro-
fusamente as pérolas em volta
dos pescoços ebúrneos, despe-
nhando-as, em quedas de fiei-
ras caprichosamente irrequei-
tas, por sobre as sedas dos ves-
tidos, fazendo-as tremular no
lóbulo rosado das orelhas, en-
roscando-as na curva nervosa
dos pulsos, ou depondo-as, como
ósculos sensuais, nos dedos afu-
selados de mãos patricias.

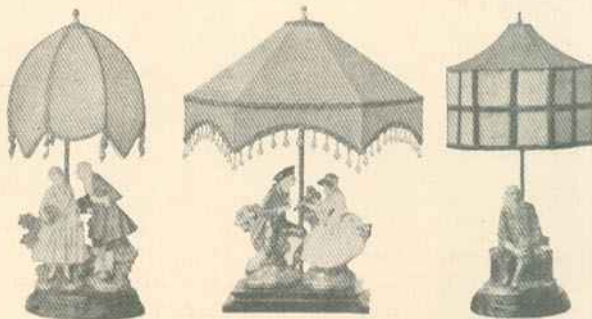
Estão em pleno favor da moda as pérolas de
fantasia. Busquemo-las, pois, emancipados dêsse
escrúpulo convencional e arcaico, que nos fazia
desdenhar com pejo as joias falsas. A moda de-
creta; e ao segredar-nos que o chic, no mo-
mento que passa, consiste em cobrimo-nos de
pérolas, — tão grandes, que poucos exemplares
verdadeiros terão atingido tão excepcionais di-
mensões; tão perfeitas de forma e colorido, que
só um milagre divino assim as formaria expon-
taneamente no âmago do nacar; e em tão es-
pantosa profusão, que só a riqueza de um cofre
da rainha permitiria aglomerá-las, com tama-
nha facilidade, em fiadas intermináveis, — a
moda garante-nos que podemos afrontar, sem
receio de humilhante reparo, os olhares exigen-
tes da crítica mundana.

É que hoje a mulher é menos obrigada a
transportar sobre os ombros uma riqueza de
valor intrínseco do que a ostentar um tesouro
de elegância e beleza.

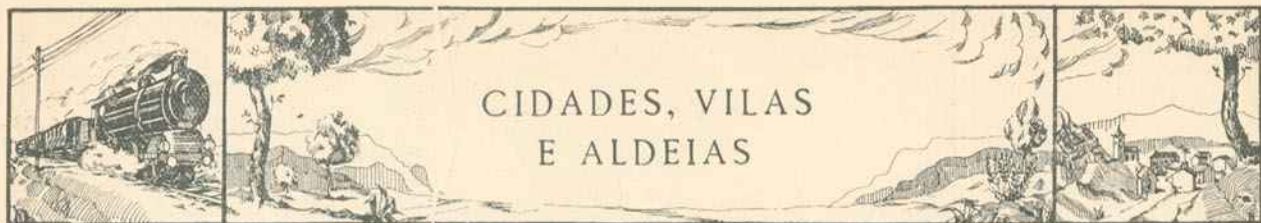
• • •

ÀS DONAS DE CASA

A arte culinária, interessa tanto,
entre nós, à mulher moderna, desde
a mais humilde à mais fidalga, que
últimamente, duas senhoras da
nossa primeira sociedade, D. Ma-
ria Isabel Campos Henriques e
D. Angela Carvajal Teles da Syl-
va, unindo os seus mútuos conhe-
cimentos, compilaram num inte-
ressante volume, intitulado —
«Doce e cozinhados» —, uma pri-
mosa colecção de receitas re-
colhidas e corrigidas pela sua ex-
periência e bom gosto. — «Doce e
cozinhados» encontra-se à venda
nas livrarias Aillaud & Bertrand.



Três artísticos candeeiros para electricidade, tendo na base graciosas figurinhas de Biscuit,
Saxe ou bronze. Os abat-jours são de seda lisa, em côr de rosa, verde, azul ou oiro, guar-
necidos com soutaches de oiro e franjas de cristal



CIDADES, VILAS E ALDEIAS

RÊGUA

A vila da Rêgua ou, mais exactamente, de Pêso da Rêgua, cujo brasão, só há pouco definido pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, ilustra esta

página, espalha a sua casaria por uma encosta sobranceira às águas do abundante Douro.

Citá-la é evocar logo a fama larga dos vinhos da sua região, conside-



rados dos mais nobres do nosso país vinhateiro, de privilegiadas cêpas.

A sua vista panorâmica foge um tanto ao aspecto tradicional da paisagem transmontana. A serrama ali desafoga-se e abre um afável sorriso no seu cariz severo. No trecho fluvial em que a importante Vila mira o rosto estancieiram de continuo os *barcos rabelos*, sobrevivência da antiga arquitectura naval e ainda e



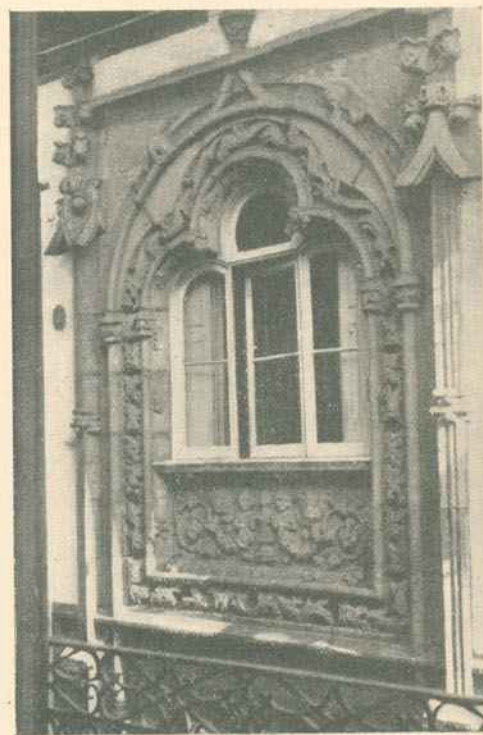
sempre prestantes condutores das pipas do néctar precioso que através da barra do Porto vai levar alegria e consôlo aos mais exigentes devotos de Bacó de todo o mundo.

gno de se reflectir nos cartões dum artista de pulso e a janela manuelina que existe na rua de S. Pedro e que é dos mais puros exemplares dêsse lindo estilo architectónico.

VIANNA DO CASTELO

PRINCESA do Lima, que tem margens do mais suave bucolismo, capital do distrito e muito populosa, Viana do Castelo é cidade que não

tem sômente a ufanar-se da beleza dos campos que a circundam. A quantidade e o valor dos edificios de carácter artistico por ela oferecidos à contemplação de quem a visita dão-lhe não menor excellência. Os diversos séculos e os vários estilos architectónicos imprimiram nela sinais que a cada passo nos convocam os olhos. Os Paços do Concelho, vetusta construção, o hospital da Misericórdia, tão original no seu traçado, o majestoso Palácio dos Távoras em que o brasão de armas apparece picado, memorando o atentado contra D. José, a parochial de Santa Maria Maior, construída nos princípios do século xv, a

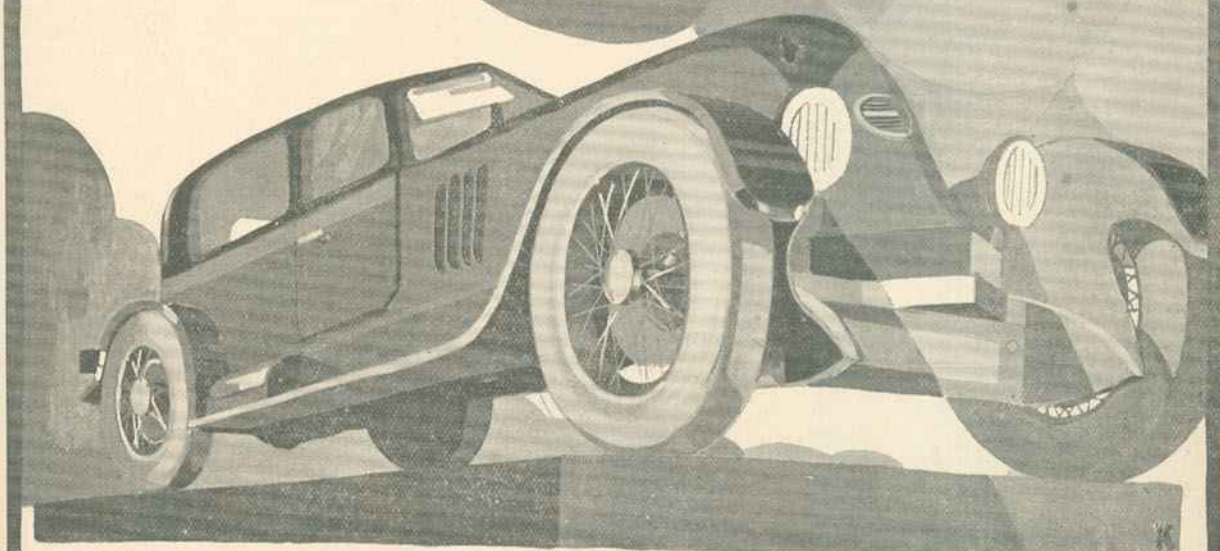


Casa dos Velhos, da destemida gente das descobertas, a casa dos Malheiros Reymões, cuja capela é um primor, e outros edificios e monumen-

Ainda Viana do Castelo pode tirar orgulho doutra particularidade sua: a beleza acentuadamente cativante das suas mulheres. Muito esbeltas, a sua graça mais se realça no matiz vivo dos seus trajos tão vistosos.



Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}
A U T O - P A L A C E

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,
HUDSON e ESSEX

ILUSTRAÇÃO

POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitui o
: : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.^{DA}



PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA

**REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA L^{DA}
LARGO DO CARMO 15
LISBÔA**

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

PROJECTOS DE ARQUITECTURA	ARTIGOS DE DECORAÇÃO
--	-------------------------------------

JOALHARIA DO CARMO

J O I A S

P R E S E N T E S



E

P A R A

P R A T A S

A N I V E R S A R I O S

E

A R T I S T I C A S

C A S A M E N T O S



SEDE NO PORTO: RUA 31 DE JANEIRO, 53

TELE } GRAMAS: AUREARTE
 } FONE: 1160

FILIAL EM LISBOA: RUA DO CARMO, 87-B

TELE } GRAMAS: AUREARTE
 } FONE: N. 1360

CIGARROS ARAKS



**EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA**

À venda em toda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7



Use diariamente os produtos
RAINHA DA HUNGRIA
e todos os da
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Massagem estética. Manual e vibratória. — Tratamentos de alta frequência. — Pintura dos cabelos. Ondulação Marcelle e permanente com o aparelho GALLIA. — Manucure.

LISBOA

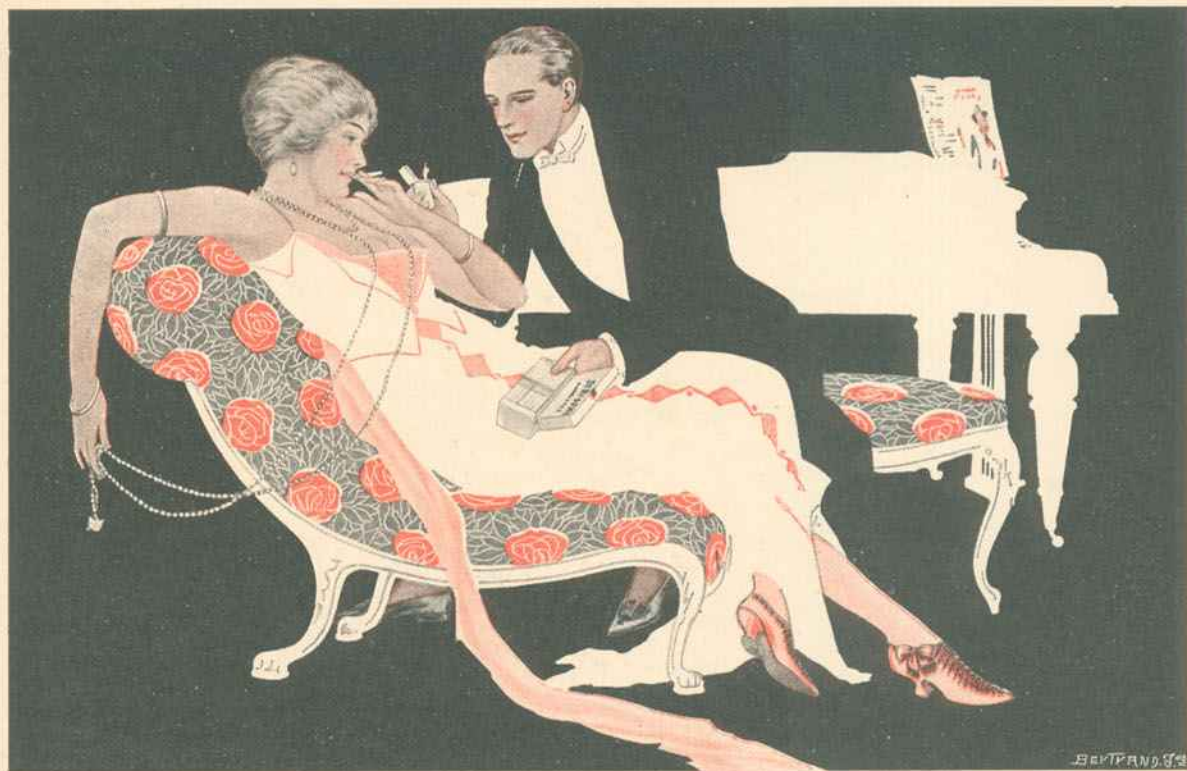
AVENIDA DA LIBERDADE, 23

Tele | fone: NORTE 3641
gramas: BELLEZAK

RIO DE JANEIRO

RUA 7 DE SETEMBRO, 166

Tele | fone: CENTRAL 1701
gramas: BELLEZAK



DeReszke

À venda na Tabacaria "A PHENIX"
131, Rua 1.º de Dezembro 133 — LISBOA
E NAS PRINCIPAIS TABACARIAS DO PAÍS



CIGARETTES

TURCOS — EGIPCIOS — VIRGINIA

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

H. MITCHELL, L.^{DA}

Travessa da Ribeira Nova, 26 — LISBOA

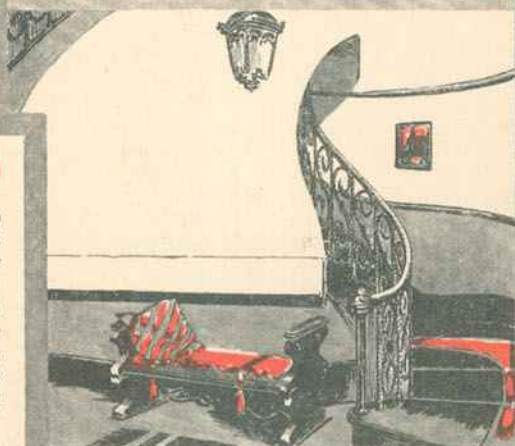
BELEZA NA DECORAÇÃO

O uso de uma tinta de qualidade superior como o PINTAMUR, dá aos vossos madeiramentos e paredes interiores um encanto e distinção que não se pode obter com qualquer outra tinta vulgar.

PINTAMUR é uma tinta a óleo que permite alcançar um acabamento aveludado, delicado, rico e de tão grande duração que se pode usar com a maior confiança sobre estuque, madeira, ferro ou pedra. Pode lavar-se sem receio de fendas ou arranhaduras. É mais barata que a Tinta a água e de maior duração.

Agentes geraes para Portugal: H. MITCHELL L.^{DA}
26, TRAVESSA DA RIBEIRA NOVA, 1.º — LISBOA

PINTAMUR



PINTURA A OLEO PARA DECORAÇÃO

J. G. Rugeroni, 67, Rocio — LISBOA



O maior reclame luminoso do mundo . .
feito ao automovel mais economico do mundo

Unicos agentes em Portugal e Colónias:

EDUARDO ROSA, LIMITADA

Avenida da Liberdade, 81 a 90 — LISBOA